

Orquidário



R 22

membr

2

Vol. 6, nº 2, 1992
Abril, Maio e Junho

DIRETORIA

Presidente: Raimundo A. E. Mesquita — Tel: (021) 224-2886
Vice-Presidente: Waldemar Scheliga — Tel: (021) 267-8384
Diretor da Área Técnica: Álvaro Pessoa — Tel: (021) 262-7738
Diretor da Área de Relações Comunitárias: Maria da Penha Fagnani — Tel: (021) 246-9868
Diretor da Área Administrativo Financeira: Yvan Lassance — Tel: 246-9872
Presidentes Anteriores: Edward G. Kilpatric, 1986/87 e Álvaro Pessoa, 1987/90

DEPARTAMENTOS

Exposições e julgamentos: Ivana Zubic — Tel: (021) 225-0431
Difusão Cultural: Carlos A. Gouveia — Tel: (021) 598-6644
Pesquisa, Cultivo e cursos: Carlos A. Gouveia
Biblioteca: Nancy Garcia
Sócios: Helena Eyer — Tel: (021) 295-9100
Eventos e Relações com Organizações Congêneres: Carlos Ivan da Silva Siqueira
Secretariado: Helena Eyer
Tesouraria e Finanças: Raul Couto
Patrimônio: Cypriano Lopes Feijó

CONSELHO DELIBERATIVO

Presidente: Alexis Sauer — Tel: (021) 225-4164
Membros: Felisodoro Bastos Nunes, Luis Clemente Ferreira de Souza, Carlos Eduardo de Britto Pereira e Roberto Agnes

REVISTA ORQUIDÁRIO

Editoria: Álvaro Pessoa e Roberto Agnes (021) 247-8362

Comissão Editorial: Waldemar Scheliga, Carlos A. Gouveia e Raimundo Mesquita.

A revista circula trimestralmente, com publicação nos meses de Março, Junho, Setembro e Dezembro e é distribuída gratuitamente aos associados.

Roga-se permuta com publicações afins.

Artigos e contribuições devem ser dirigidos ao editor, datilografados em espaço duplo, em uma só face, em papel ofício Tipo A-4. Aceitos, serão publicados em um dos números seguintes. Os rejeitados serão devolvidos ao autor, desde que tenha fornecido o endereço. Fotografias, em preto e branco, devem vir acompanhadas de negativos, e nome fotógrafo, devendo ser identificada a autoria de desenhos e esquemas, apresentada, sempre, em papel branco e tinta preta. Para fotos a cores os autores deverão remeter, em slide, diapositivo ou o próprio fotolito a ser publicado, com identificação do motivo da foto e nome do fotógrafo. Para remessa de fotolitos contatar, antes, com o editor para ajuste de dimensões.

Propaganda e matéria paga, com indicação do mês de publicação, deverão ser entregues à Redação com 2 meses de antecedência.

O título da revista é de propriedade da OrquideaRio, nome que, também, está registrado no INPI.

Qualquer matéria ou fotografia publicada, quando não sujeita à reserva de Direito Autoral, indicada como DR, pode ser reproduzida desde que se indique a origem.

Preços:

- 1 — contribuição anual, pagável entre julho e agosto, dos sócios fundadores, contribuintes e correspondentes; Cr\$ 53.000,00 ou 4 parcelas mensais sucessivas de Cr\$ 20.000,00
— vitalícios por faixa etária:

I — 30 a 39 anos:	Cr\$ 240.000,00	V — 61 a 64 anos:	Cr\$ 113.000,00
II — 40 a 49 anos:	Cr\$ 188.350,00	VI — 65 a 70 anos:	Cr\$ 94.165,00
III — 50 a 55 anos:	Cr\$ 150.665,00	VII — 71 a 75 anos:	Cr\$ 75.330,00
IV — 56 a 60 anos:	Cr\$ 132.830,00	VIII — acima de 75:	Cr\$ 56.500,00

- 2 — números atrasados, sujeitos à disponibilidade de estoque:

- a) entre 1986 e 1988: Cr\$ 3.040,00
b) 1989/90: Cr\$ 3.800,00
c) 1991: Cr\$ 4.600,00

- 3 — Publicidade devendo o interessado fornecer o texto e lay-out

- 3ª capa: Cr\$ 148.200,00
Página inteira: Cr\$ 132.240,00
3/4 de página: Cr\$ 102.600,00
Meia página: Cr\$ 68.400,00
Quarto de página: Cr\$ 38.000,00
Oitavo de página: Cr\$ 16.720,00

- 4 — Overseas subscription rates:

- | | | |
|-----------------------|-----------------------|-----------------------|
| 1 year: US\$ 25.00 — | 2 years: US\$ 48.00 — | 3 years: US\$ 68.00 — |
| US\$ 33.00 — air mail | US\$ 56.00 — air mail | US\$ 74.00 — air mail |

Os preços acima poderão ser alterados pela Diretoria sem aviso prévio. A Revista não assume responsabilidade por colaborações assinadas e publicidade.

A correspondência à Revista deverá ser enviada ao Editor. Av. Pres. Vargas n.º 583 — grupo 2.014, Centro Rio, RJ, CEP 20.071. Tel.: (021) 224-2886 — FAX (021) 507-1993.

ÍNDICE

Artigos

- 44 — Editorial
- 45 — Agnes, R — **CITES** — As suas conseqüências para todos nós
- 51 — Fagnani, M. da Penha e Siqueira, C. I. da Silva — Orquídeas da Restinga.
- 55 — Pessoa, A — A complexa questão dos Habitats
- 57 — Miranda, F — *Encyclaelia intermedia*
- 60 — Mesquita, R — Meristema
- 65 — Miranda, M. C. — Desenho Botânico
- 69 — Pereira, C. E. de Brito — Notas sobre o gênero *Oncidium* — IX
- 72 — Agnes, R — Gulosos e Faquires
- 77 — Jenny, R — *Stanhopea* — II

Seções

- 81 — Sachs Jr., O — Perfis, Heitor Gloeden
- 83 — Perguntas e Respostas

Fotos e Desenhos

- 45 — *Laelia lobata* — Álvaro Pessoa
- 46 — *Paphiopedilum sukhakulii* — Roberto Agnes
- 47 — *Laelia jongheana* — Sandra Odebrecht
- 51 — *Brassavola perrinii* — Maria da Penha Fagnani
- 52 — *Cattleya guttata* — Carlos Ivan da Silva Siqueira
- 58 — *Encyclaelia intermedia* — desenho, Maria Cristina Miranda
- 73 — *Cymbidium* Bud March 'Rosetta' — Roberto Agnes
- 75 — *Cattleya trianae* — Roberto Agnes
- 65 — Habitat de *Cattleya warnerii* — Álvaro Pessoa
- 56 — Habitat de *Laelia lobata* — Álvaro Pessoa
- 66 — *Pionia* — Autor desconhecido
- 67 — *Centroglossa greeniana* — (Reich. F.) Cogn., Extraída da Flora Brasileira de F. C. Hoehne, vol. XII, VII, 1953.
- 67 — *Laelia kettiana* — desenho, Maria Cristina Miranda
- 68 — *Brassia chloroleuca* — desenho de William R. Gilbert
- 77/78/80 — *Stanhopea*, fotos de Rudolf Jenny
- 69 — *Oncidium varicosum* — Francisco Miranda
- 70 — Segmentos florais — desenho Cristina Miranda
- 71 — *Oncidium euxanthinum* — Paulo Barbosa
- 72 — *Oncidium praestans* — Francisco Miranda
- 72 — *Oncidium gardnerii* — Paulo Barbosa
- 82 — Heitor Gloeden — Oscar V. Sachs Jr.

Nossas Capas

Uma das orquídeas protegidas pelo Apêndice I do **CITES** é a *Laelia jongheana*. O belo exemplar que ilustra a nossa capa, em fotografia de Roberto Agnes, é fruto do esforço de alguns de nossos orquidários em reproduzir artificialmente essa bela espécie. Ameaçada de extinção por excesso de coleta, garantimos a sua sobrevivência através de reprodução em laboratório. A destruição do habitat natural de *Cattleya guttata* levou o nosso sócio (e fotógrafo) Carlos Ivan S. Siqueira ao Arraial do Cabo, onde conseguiu capturar a floração exuberante desta espécie, de coloração pouco vista, fotografada crescendo em pleno sol.

Há um ano atrás escrevi sobre a ECO-92 e a sua importância para todos nós. Sem dúvida foi um evento histórico e, não estaria exagerando ao usar a palavra euforia para descrever o clima geral provocado por ele. A euforia tomou conta do Rio e, depois de tanto ceticismo, as coisas fluíram bem, decisões importantes parecem querer sair do papel. Mas, para nós orquídeófilos será que a ECO-92 fez alguma diferença?

Esperava-se que os problemas relacionados ao CITES (ver artigo neste número) fossem um dos assuntos em pauta. No entanto, nada se falou sobre este tema, afinal, orquídeas são coisas *superfluas e decorativas*, para serem usadas em anúncios de revista de arquitetura. Na ECO falou-se primordialmente sobre biodiversidade, tendo principalmente o nosso bem estar como vetor, e, relegando todo o resto a um segundo plano.

Orquídeas podem parecer coisas *superfluas* mas é necessário lembrar que elas fazem parte de um todo, ou para usar a palavra da moda, de um ecossistema. Hoje em dia, em ecologia, pensa-se somente em preservar o *statu quo* e, para isso, existem centenas de leis. O mundo e tudo a ele relacionado é algo dinâmico que muda constantemente. A cada dia novas espécies são descobertas, enquanto outras desaparecem; algumas por processo natural, outras por intervenção humana. Querer evitar que isso aconteça é algo quase impossível e é justamente a ilusão de se poder manter *tudo como está* que gera a criação de leis muitas vezes questionáveis e de duvidosa eficácia.

Quando o CITES foi implementado, fora considerado um instrumento eficaz na preservação da flora e fauna. Após vinte anos e após a criação de centenas de novas leis, torna-se necessário questionar a criação de mais um possível elefante branco que, por excesso de burocracia, não consegue mais preencher os objetivos para os quais fora criado. Cada vez mais as autoridades tornam-se intransigentes, sem levar em consideração as constantes mudanças que ocorrem a sua volta.

O Brasil, ao aderir ao CITES proibiu a coleta de plantas. Essa medida, no entanto, torna-se questionável quando levamos em consideração o ritmo desenfreado de destruição do habitat natural de muitas das nossas espécies de orquídeas. Em nosso país é perfeitamente legal obter-se permissão para cortar uma árvore, todavia não se pode coletar as orquídeas que nelas crescem; é legal queimá-las junto a esta árvore, mas a coleta dessas orquídeas pode levar o infrator à cadeia. Está na hora de questionar essas e outras medidas para que possamos chegar a um acordo que beneficie as plantas sem o risco de prejudicar a quem se dispuser e salvá-las.

Num país como o Brasil onde tudo está evoluindo tão rapidamente, a legislação sobre a preservação das orquídeas deveria também evoluir. As espécies que fazem parte do Apêndice I do CITES estão sendo atualmente produzidas em grandes quantidades por orquidários comerciais. Por que punir esses esforços através de leis rígidas e anacrônicas que só servem para desestimular a produção artificial dessas plantas; uma atitude que garante exatamente e salvaguarda dessas espécies ameaçadas de extinção.

Da mesma forma que o Rio, em 1992, foi palco da ECO; em 1996, também o será da exposição mundial de orquídeas. Podemos ter perdido uma oportunidade de expressar nossa opinião sobre este estado de coisas. Porém, temos à nossa frente, quatro anos para elaborar um plano que possa tornar mais eficaz os mecanismos de preservação e de produção das nossas espécies tão cobiçadas por todos.

Roberto Agnes

CITES — As SUAS CONSEQUÊNCIAS SOBRE TODOS NÓS

Roberto Agnes *



Laelia lobata

Foto e cultivo - Álvaro Pessoa

O CITES — *Convention on the International Trade in Endangered Species of Wild Fauna and Flora* — foi formulado

em Washington em 1973 e efetivado em 1975. Este tratado visava a criar uma série de leis regulamentando o comércio de espécies de flora e fauna ameaçadas de extinção. Foram criados Apêndices listando as espécies e o seu status no habitat natural. No caso das orquídeas existem dois:

Apêndice 1 — Compreende espécies ameaçadas de extinção que têm sua comercia-

lização sujeita a estrita regulamentação.

Apêndice II — Compreende todas as outras orquídeas.

Desde sua efetivação, eliminar algumas espécies foram incluídas no primeiro Apêndice. Até meados da década de 80 esta listagem era composta de dez espécies: *Cattleya skinneri*, *Cattleya trianae*, *Didycea cunninghamii*, *Laelia jongheana*, *Laelia lobata*, *Lycaste virginialis*, *Peristeria elata*, *Renanthera imschootiana* e *Vanda coerulea*. Depois do encontro de Lausanne em 1989, incluiu-se neste apêndice todas as espécies de *Paphiopedilum* e *Phragmipedium*. Atualmente, as autoridades estudam a possibilidade da anexação de algumas das espécies brasileiras de *Laelia* e de

* Rua Alberto de Campos 107/302, RJ.

quase todas às de *Masdevallia*, por considerá-las ameaçadas devido ao excesso de comercialização.

As dez espécies acima mencionadas foram coletadas em quantidades tão grandes que se tornaram escassas no seu habitat. Algumas, como por ex. *Cattleya skinneri* e *Laelia jongheana* já se encontravam à beira da extinção. No caso dos *Paphiopedilum* e *Phragmipedium* houve grande pressão por parte de órgãos governamentais (tanto de países exportadores como importadores) por temerem que sua comercialização excessiva pudesse esgotar seus números no habitat natural. Este raciocínio é perfeitamente coerente pois tornou-se muito mais vantajoso e lucrativo comprar plantas coletadas do que criá-las artificialmente. Um seedling de *Paphiopedilum* pode levar até onze anos para florir pela primeira vez, enquanto que uma planta coletada, depois de um período de adaptação de não mais que dois anos, já se encontra apta para venda.

Esses exemplos demonstram a ênfase dada pelo CITES à preservação das espécies em seu habitat. Em 1985 foi publicada uma resolução decretando que, "quando possível, os países assinantes (do CITES) deveriam criar programas de modificação do meio ambiente para proteger as espécies que figuram nos Apêndices". Ao mesmo tempo a comercialização destas plan-

tas poderia ser somente autorizada em casos de salvaguarda de sua sobrevivência. Quando possível as plantas deveriam ser enviadas à instituições como jardins botânicos e centros de pesquisa.

O CITES é um tratado geral, e versa portanto sobre problemas comuns porém gerais. Conseqüentemente, os países participantes, têm que aplicar suas leis coerentemente a esses objetivos gerais, mas ao mesmo tempo, deverão desenvolver leis específicas, visando aparentemente atender às necessidades locais. No Brasil cabe à jurisdição do IBAMA a sua implementação. O fato de existirem diferenças nas exigências de cada país, criou situações polêmicas para os orquidófilos em geral. Muitas vezes, plantas importadas por parte de um amador ou profissional, têm sido apreendidas ou até mesmo destruídas pelas autoridades, com a justificativa da documentação estar incorreta ou mesmo falsa. É justamente este tipo de incoerência na aplicação do conjunto dessas leis que nos leva a um questionamento quanto à sua eficácia.

Boa parte dos problemas relacionados ao CITES, parecem ser provocados pela intransigência das autoridades que o administram e, em alguns casos, até mesmo por atitudes de natureza duvidosa. Há um ano atrás, em editorial, comentei sobre o confisco de um carregamento de plantas bra-



Paphiopedilum sukhakulii

Cultivo - Aranda

Roberto Agnes



Laelia jongheana

Cultivo Floralia

Sandra Odebrecht

sileiras em Nova Iorque. À época, o motivo fora o de que no carregamento haviam sido encontradas algumas plantas *supostamente* coletadas. Segundo a lei, elas deveriam ser doadas a uma instituição botânica, no caso, o *New York Botanical Gardens*, que as recusou. Por não ter como cuidar de tantas plantas elas foram então oferecidas a um jardim botânico menor e menos conhecido e que, por sua vez também, não tinha como alojá-las todas. Uma parte dessas plantas acabou sendo vendida à cultivadores particulares e profissionais. As autoridades locais infringiram a lei e com essa atitude, uma firma que procurava criar orquídeas dentro das normas especificadas pelo CITES acabou sendo prejudicada por uma ação, excrementamente questionável.

Em outros casos, o não reconhecimento pelas autoridades do país importador, da validade da documentação acompanhando as plantas, resulta em perdas de plantas, às vezes muito raras. Um destes casos envolveu um lote de *Cattleya mooreana* enviadas junto a um grande carregamento proveniente do Peru. Depois de ter

a sua documentação contestada por inspetores, o dono das plantas conseguiu cartas oficiais do Peru atestando a autenticidade dos documentos. Mesmo assim, as autoridades se negaram a liberá-las e boa parte se perdeu devido ao tempo levado para tentar esclarecer o problema. Entre elas, estava um exemplar de *Cattleya mooreana* que carregava uma cápsula de sementes maduras cuja semeadura teria garantido uma população de plantas que poderia ter servido para salvaguardar a espécie. Neste caso, a atitude intransigente das autoridades exemplifica a falta de entendimento que às vezes surge entre os assinantes do tratado. Não adianta ter documentos atestando a proveniência de plantas, quando estes podem ser questionados por serem de países onde os órgãos oficiais não têm credibilidade junto às autoridades do país importador.

Outros casos polêmicos se relacionam à aparente inabilidade dos inspetores em distinguir dentre as plantas importadas, as que são artificialmente propagadas, das coletadas. No caso relatado, do confisco das

plantas brasileiras, foi alegado que alguns exemplares de uma espécie demonstravam sinais de terem sido recém-coletados (limo na superfície das folhas). O método de cultivo não foi considerado por parte das autoridades. Essas plantas requerem um ambiente propício à formação de algas e limo ser por este muito úmido e sombrio. Mesmo depois da comprovação deste aspecto, foi impossível convencê-las de que essas plantas não haviam sido coletadas, o que resultou em sua apreensão.

Outro fato que coloca mais ainda em relevo a aparente inabilidade dos inspetores, é o que envolveu, mais uma vez, espécies brasileiras. Publicou-se um artigo em uma revista nos EUA em que se descrevia as aventuras de um orquidófilo americano na Amazônia. Com grandes sorrisos, ele aí aparece, em fotos, segurando belas touceiras de *Catasetum* e *Cattleya violacea*. Ao finalizar o artigo ele menciona que todas essas plantas estavam se desenvolvendo bem em seu orquidário... Seria impossível acreditar que nenhuma dessas touceiras não demonstrassem sinais de suas origens, todavia, elas passaram despercebidas pela inspeção. Este fato levou muitos orquidófilos sérios a questionarem as qualificações das autoridades, já que as ocorrências acima mencionadas, não eram casos isolados. Se o CITES se propõe a criar mecanismos para o controle da troca de espécies ameaçadas, também tem o dever de se certificar que seus agentes serão capazes de colocar apropriadamente em funcionamento seus próprios mecanismos.

Esses casos servem para evidenciar as falhas que ocorrem quando as autoridades, ou por falta de preparo ou por pura inflexibilidade, acabam prejudicando as plantas que justamente deveriam estar protegendo. O mesmo ocorre quando são adotadas resoluções restritivas, sem se considerar os problemas locais do país assinante.

No Brasil, a coleta de orquídeas foi proibida. Essa medida fora bastante aplaudida já que nossas espécies haviam se tornado populares entre colecionadores do mundo todo e temia-se que as populações

naturais sofressem pelo excesso de comercialização. Este decreto seria louvável caso não fosse fato comprovado que o número de plantas coletadas é insignificante perto do número que é destruído no processo de desmatamento, em projetos de desenvolvimento. Um caso típico é a destruição do habitat natural das nossas *Laelias* rupícolas, que são endêmicas de regiões altamente ricas em minérios de Minas Gerais. Na exploração dessas áreas incontáveis plantas são destruídas, nada se fazendo para salvá-las. Aliás, segundo a legislação, a coleta dessas plantas poderia até resultar no encarceramento do infrator.

O CITES prega a proteção do habitat das espécies, mas, quando este é destruído legalmente, dever-se-ia criar algum mecanismo para o salvamento das espécies que nele crescem. Em alguns países isto já acontece, como por ex. a África do Sul. Quando uma área está prestes a ser arrasada para fins de construção ou mineração, permite-se a coleta de plantas para que possam ser salvas. Dona de um acervo invejável de espécies, a África do Sul, tem leis de proteção ambiental entre as mais restritas do mundo. Ao mesmo tempo, este país foi capaz de entender que a coleta de plantas, em algumas situações, torna-se necessária para evitar que sejam destruídas.

Minas Gerais não é a única região onde o habitat das nossas espécies está sendo destruído. Regiões como os *alagados* no estado do Rio de Janeiro estão desaparecendo e juntamente com elas, plantas de várias espécies como por ex. *Cattleya harrisoniana* e *Rodriguezia decora*. No interior, centenas de hectares de árvores são queimadas diariamente, cedendo lugar à pastagens e levando consigo inúmeras orquídeas. Quando alguém se propõe a salvá-las, acaba no papel do vilão. Uma grande leva de *Cattleya* ia ser destruída em uma queimada, o fazendeiro penalizado, mandou retirá-las, oferecendo-as a um orquidário que as aceitou, mas que, por azar, sofreu uma visita de um oficial suíço do CITES. Criou-se um impasse: o recebimento das plantas foi condenado pelo oficial sem que

este procurasse entender as circunstâncias em que estas foram aceitas e, por pouco, o orquidário não foi autuado. Esta situação só evidencia a fragilidade dessas leis; incapazes de contornar problemas pertinentes a um país em desenvolvimento. Infelizmente grandes áreas serão destruídas no processo de desenvolvimento do país, e algum instrumento eficaz terá que ser criado para proteger as espécies justamente ameaçadas por esse processo. Querer penalizar uma intuição, mesmo comercial, por aceitar plantas numa situação onde seu habitat estava sendo destruído, é uma atitude retrógrada e insensata.

Atualmente, os orquidários comerciais têm desenvolvido um trabalho commendável na criação artificial de espécies. Mesmo antes de ser decretada a proibição da compra de plantas coletadas, alguns deles já criavam quase que exclusivamente suas plantas em laboratório. O resultado obtido, através da sementeira de espécies selecionadas, é infinitamente superior. As nossas espécies, com flores maiores e mais vistosas, foram aprimoradas e produzidas em grandes quantidades. Mais importante foi a propagação artificial das duas espécies brasileiras que constam no Apêndice I: *Laelia jongheana* e *Laelia lobata*. Em ambos os casos, constatou-se que o esforço de criá-las artificialmente foi, quase em vão. Por constarem no Apêndice I, a sua comercialização tornou-se praticamente impossível e alguns orquidários comerciais ficaram presos com grandes lotes de cada uma dessas espécies. O mercado orquidófilo local não é grande o suficiente para absorver todas essas plantas e a impossibilidade de exportá-las colocou as firmas numa situação insólita. Por uma questão de necessidade, essas espécies acabarão sendo vendidas para o mercado de plantas floridas por terem flores bem vistosas. O destino delas não poderia ser pior: depois de acabada a floração, muitos dos compradores acabaram jogando as plantas fora para poder repô-las com outras floridas.

A inclusão das espécies de *Paphiopedilum* para o Apêndice I também criou sé-

rios problemas para alguns orquidários comerciais. A medida era necessária para proteger as espécies em seu habitat. Algumas, como por ex. *Paphiopedilum armeniacum* corriam um sério risco de serem extintas devido à coleta excessiva, enquanto que outras como *Paphiopedilum purpuratum* encontravam-se com seu habitat quase todo destruído. O efeito desta medida sobre os orquidários dedicados à criação deste gênero não fora satisfatoriamente estudada. Alguns países como o Japão, baniram a importação de qualquer tipo de *Paphiopedilum*, sem considerar que muitas firmas nos EUA e na Inglaterra criam todas essas plantas em laboratório. Mais uma vez a rigidez na aplicação do CITES prejudicava os esforços dos orquidários em criar artificialmente essas espécies ameaçadas de extinção. Somente após muita discussão foi possível chegar-se a um acordo que restringia um pouco menos a troca dessas plantas.

Parece, no entanto, que a pressão exercida por parte de orquidófilos preocupados com as conseqüências práticas deste tratado começa a surtir efeito. Já se fala em alterar esses Apêndices de maneira a facilitar a livre troca de plantas artificialmente propagadas. É essa troca que assegurará o futuro de muitas espécies cujos habitats estão sendo ameaçados.

Cada vez que se compra uma espécie desenvolvida em laboratório, cria-se o estímulo para a sua propagação artificial. Todos gostariam de acreditar que isso asseguraria a sua sobrevivência em seus habitats naturais. Porém, enquanto as autoridades forem incapazes de refrear o ritmo de desmatamento, os nossos esforços serão mínimos em relação ao que se perde no processo da destruição. Atualmente, os países do *terceiro mundo*, detêm no limite de suas fronteiras a maior parte das espécies de orquídeas. Existe muita pressão para que se preserve o que resta dos habitats dessas espécies. É impossível negar que o CITES tem desempenhado um papel fundamental neste sentido mas, no que diz respeito ao trabalho dos orquidários, esta legislação deixa ainda muito a desejar. Esta legisla-

ção deverá considerar que o trabalho dos orquidários também exerce um papel fundamental na preservação das espécies. Existe hoje em dia uma grande insatisfação por parte dessa categoria, em relação às atitudes algumas vezes levianas das autoridades

que implementam o CITES. É hora de colocar esse tema em pauta. O objetivo de todos nós é a preservação das espécies: sem recriminações, sem discriminações e de forma civilizada.

<i>DOADOR</i>	<i>FINALIDADE</i>
— BAYER DO BRASIL S/A	Revista Orquidário
— RAIMUNDO A. E. MESQUITA	Móveis para a Sede
— Álvaro Pessoa	Mesa telefônica para a Sede
— Anônimo I	Para a 15ª WOC
— Anônimo II	Fotolitos das Revistas
— Ed. Quinta Cor	Papel para as Revistas



Florália

Espécies, Híbridos e Mericlones

Endereço para Correspondência:

Caixa Postal 100.541 - Niterói - Rio de Janeiro - 24.140

Tel.: (021) 722-2742 - Fax.: (021) 718-5223



ORQUIDÁRIO

Quinta do Lago

ESPÉCIES BRASILEIRAS
HÍBRIDOS
SEEDLINGS E MERICLONES

SOLICITE LISTA GRATUITA

RUA DOMINGOS JOSÉ MARTINS, 195 - BONSUCESSO
CEP 25600 - PETRÓPOLIS - RJ - TEL: (0242) 21.2554

ORQUÍDEAS DA RESTINGA DE MASSAMBABA

Maria da Penha K. Fagnani *

Carlos Ivan da Silva Siqueira **

Segundo dados bibliográficos, das 2.300 espécies de orquídeas brasileiras, 832 ⁽¹⁾ são encontradas no Estado do Rio de Janeiro, sendo que algumas destas existem unicamente no nosso estado, como, por exemplo, a *Laelia lobata* e a *Cattleya dormiana*.

Cultivando nossas plantas aqui e vivendo num estado tão rico em orquídeas, achamos ser de especial interesse a visita a alguns "habitats", para conhecermos a situação atual em relação às espécies ainda lá encontradas e sua interação com o meio em que vivem, pois todos sabemos das agressões cada vez mais frequentes a estes jardins naturais tão belos.

Escolhemos, para começar, a restinga de

Massambaba, que separa a Lagoa de Araruama do mar. É um local de acesso fácil para nós e sabidamente uma área com flora orquidácea bem representativa.

Nestas nossas visitas iniciais com finalidade de estudo, observamos alguns pontos de uma área que vai da localidade de Praia Seca até, aproximadamente, 10 km indo em direção a Arraial do Cabo. Penetramos na restinga por acessos por nós escolhidos, de maneira a sempre observarmos as mesmas áreas, com eventuais ampliações do espaço observado. Isto nos permitiu seguir os ciclos biológicos de algumas orquídeas, assim como aprofundar o conhecimento destas comunidades vegetais como um todo.

As restingas foram formadas entre sete



Brassavola peronii e *Campylocentrum selowii* dentro de uma moita, com muita luz e pouco sol direto.

Maria da Penha Fagnani

* Rua das Palmeiras n.º 93 apto. 803 — Rio de Janeiro-RJ CEP 22270

** Rua Salinópolis n.º 353 — Rio de Janeiro-RJ CEP 22700

(1) Incluindo neste número os híbridos naturais.

e dois mil anos atrás pelos movimentos de avanço e recuo das águas do mar, resultantes de variações do nível dos oceanos. Houve a formação de sucessivos cordões arenosos litorâneos que, pela ação dos ventos e outros fatores, foram modelados como dunas, por exemplo, ou mesmo planícies com poucos acidentes geográficos.

Na restinga de Massambaba encontramos, como é comum nas restingas, vegetação que se modifica em zonas bem definidas conforme a topografia da restinga. De maneira simplificada temos, nas restingas, o cordão arenoso externo (restinga externa), próximo ao mar, e o cordão arenoso interno (restinga interna), próximo à lagoa. Entre estes dois cordões arenosos existe uma área de brejo, sendo que aí o solo é coberto por matéria orgânica espessa, semelhante à turfa.

A restinga é um lugar de muito vento e pouca chuva, predominando o solo arenoso pobre, que não retém umidade. Sua vegetação constitui uma comunidade pioneira, de primeira ocupação de um solo jovem ou rejuvenescido pela deposição de areia.

É interessante perceber como é rica e diversificada a comunidade vegetal em ambiente aparentemente hostil. Encontramos muitas plantas de valor ornamental e me-

dicinal. Além das orquídeas assinalamos, dentre os arbustos, o gênero *Clúsia* e o “fede-goso”, do gênero *Cássia*. Há grande variedade de bromélias e cactus, gramíneas e líquens.

As orquídeas por nós encontradas até agora foram:

- *Brassávola perrinii*
- *Cattleya guttata*
- *Campylocentrum selowii*
- *Campylocentrum robustum*
- *Cyrtopodium paranaensis*
- *Encyclia oncidoides*
- *Epidendrum denticulatum*
- *Epidendrum latilabre*
- *Habenaria* sp. (duas espécies)
- *Pleurothallis* sp.
- *Vanilla planifolia*

Recentemente encontramos uma orquídea terrestre de brejo que parece ser de um gênero não assinalado para o Estado do Rio de Janeiro, mas estamos aguardando a floração.

A região da restinga que nos pareceu, até o momento, mais rica em espécies de orquídeas foi a restinga interna. Nesta região, a vegetação arbustiva forma moitas intercaladas por cláreiras e o solo é irregular, com pequenas elevações. Estas moitas podem ser pequenas e baixas ou um pouco maiores, com árvores de pequeno por-



Carlos Ivan da Silva Siqueira

Cattleya guttata de coloração vinácea florindo em moita de pequena altura, bem exposta ao sol.

te (2 a 3 metros de altura). Nestas moitas maiores, a vegetação arbustiva é geralmente densa, proporcionando bastante sombra. Aí encontramos, freqüentemente, a *Cattleya guttata* e a *Encyclia oncidoides* vegetando como epífitas nas pequenas árvores, muitas vezes bem próximas ao solo, a uma altura de 30 a 50 cm. Nas raras vezes em que encontramos *C. guttata* crescendo em uma moita aparentemente não perturbada pela coleta, ocupava, com suas plântulas, até os galhos mais altos da árvore suporte.

As *C. guttata* e *Enc. oncidoides* não expõem, geralmente, suas folhas ao sol direto e as plantas maiores ficam na parte central e mais baixa da moita, só recebendo luz filtrada. No caso da *C. guttata*, encontramos algumas plantas vegetando em moitas pequenas e bem mais expostas ao sol. Muitas vezes percebemos que o líquen *Usnea* "barba de velho" parecia servir de cortina para filtrar os raios solares.

De um modo geral, as *C. guttata* e *Enc. oncidoides* não usam o mesmo arbusto mas, eventualmente, o fazem e, na competição pelo espaço dentro das moitas, a população de *Enc. oncidoides* parece estar levando vantagem ocasionalmente, formando, então, enormes touceiras. Isto, talvez, seja devido ao fato de que a *C. guttata*, pela beleza das suas flores, haver sido a mais coletada.

Nestas mesmas moitas maiores, também a pequena altura e vegetando como epífita, encontramos outra orquídea de grande beleza, a *Brassavola perrinii* que, quando em flor, ostenta lindos ráculos brancos, perfumados. Suas folhas roliças "rabo de rato" recebem muita luz e pouco sol direto. Tem sido coletada amplamente e sua população local nos pareceu pequena, embora tenhamos percorrido, até agora, só uma área limitada da restinga de Massambaba. Cada vez que plantas em flor são coletadas, eliminamos a possibilidade de que venham a se formar frutos e sementes e o "habitat" vai empobrecendo.

Outra epífita da restinga é o *Oncidium*

ciliatum, que foi encontrado na parte da restinga interna próxima ao brejo. Nesta região há uma pequena faixa de mata arbustiva, em vez de moitas, e o *Oncidium ciliatum* vegeta nas arvoretas mais altas. Recebe, nas suas partes vegetativas, muita luz e, por meio de longas hastes, suas inflorescências procuram o sol. Encontramos muito poucos até agora e quase nenhuma plântula, pois, quando bem florido, é muito vistoso, chamando a atenção dos coletores.

O *Cyrtopodium paranaensis*, vulgarmente conhecido como "Sumaré" é muito abundante, vegetando no solo arenoso na periferia das moitas e da pequena mata, em pleno sol. Apresenta inflorescências com hastes longas amarelas esverdeadas, perfumadas. É muito ornamental tendo, também, valor medicinal.

No caso das *Habenaria*, as duas espécies encontradas crescem no solo arenoso protegidas do sol pelos arbustos. Este gênero contém suas substâncias de reserva nas raízes tuberosas bem características e suas flores possuem esporão.

Quanto ao gênero *Campylocentrum*, suas espécies crescem como orquídeas aéreas, sendo que, eventualmente, suas raízes aderem ao suporte. É encontrada sempre à meia luz, sendo este gênero o único representante das Sarcanthinae no Brasil. Pelo hábito vegetativo, o *Camp. robustum* lembra uma pequena *Renanthera*, enquanto o *Camp. selowii* possui folhas modificadas, pequenas, aciculares, parecendo ter só raízes.

Muito abundante é a *Vanilla*, que prolifera vegetando como epífita, na sombra, dentro das moitas, seus caules longos se apóiam nos arbustos ou caminham prostrados na areia, por pequenas distâncias. É encontrada no sol pleno apenas indo de uma moita para outra, em trechos curtos.

Num local como a restinga de Massambaba, em que o solo é pobre e existe a maresia permanente no ar, a comunidade vegetal está adaptada, usando estratégias adequadas para reduzir a perda de água, por exemplo.

Neste ambiente, todas as plantas são importantes e as agressões continuadas vão, forçosamente, produzir um desequilíbrio que poderá ser reversível ou não.

Até agora só nos referimos à coleta como fonte de agressão mas a grande ameaça é, certamente, a especulação imobiliária, que já destruiu ou descaracterizou muitas restingas no Estado do Rio de Janeiro.

Em 15 de dezembro de 1986 foram criadas a Reserva Ecológica Estadual de Massambaba, numa área do Município de Araruama, e a Área de Proteção Ambiental de Massambaba (APA Massambaba), constituída por partes dos Municípios de Saquarema, Araruama e Arraial do Cabo. O "status" de reserva ecológica oferece mais proteção do que o de APA, mas, em qualquer dos casos, as dificuldades são muitas para que o que existe no papel seja realidade.

Na verdade, apesar da coleta, que causou algum desequilíbrio, este nosso jardim natural continua como que, por milagre, lindo e rico em espécies.

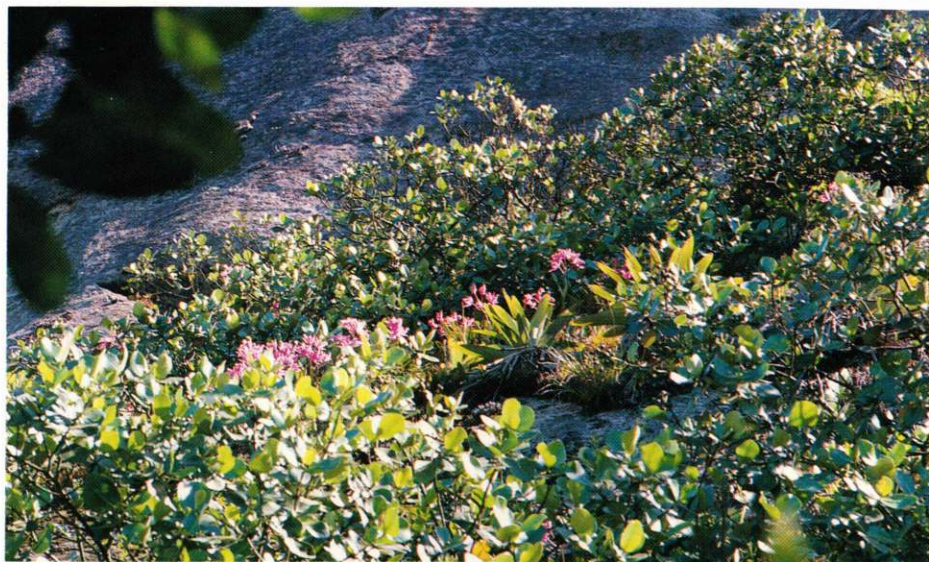
Vamos ficar atentos no sentido da sua preservação e vitalidade, usando nossas capacidades de orquidófilos para restaurá-lo e de cidadãos para defendê-lo.

Bibliografia

- G.F.J. Pabst, F. Dungs. 1977. Orchidaceae brasilienses. Brücke-Verlag Kurt Schmiersow.
- L.D. de Lacerda e Dorothy S.D. de Araújo. 1986. A natureza das restingas. Ciência hoje, vol. 6 n° 33. S.B.P.C.
- Henrique P. Veloso, Antonio L.R. Rangel Filho, Jorge Carlos A. Lima. 1991. Classificação da vegetação brasileira, adaptada a um sistema universal. IBGE.
- Diário Oficial do Rio de Janeiro de 30.01.87.

A COMPLEXA QUESTÃO DE PRESERVAR OS HABITATS NATURAIS

Álvaro Pessoa *



Álvaro Pessoa

A *Cattleya warneri* vegeta, como epífita e rupícola, nas matas sombreadas na região montanhosa do Espírito Santo.

Quando nós orquidófilos, passamos hoje pela Marginal Pinheiros, na alta velocidade de nossos carros, que simboliza de maneira tão dramática a pressa sem sentido de nossas vidas, mal podemos imaginar, que, cinquenta anos atrás, ali ficava um dos maiores “habitats”, brasileiros de *Cattleya loddigesii*, conforme nos contam as obras de Hoehne e Dexter. Terá valido a pena destruí-lo para implantar o progresso? Seria possível preservá-lo, ao menos em parte?

A questão que se coloca atualmente, diante da onda ecológica, que configura (em força e obstinação dos por ela responsáveis) uma das mais expressivas alterações do comportamento do humano nesse fim

de século não é apenas de destruir (ou não destruir) o meio ambiente, ou os “habitats” de nossas orquídeas.

Passam entremeadas nesta questão simples, duas outras muito mais complexas. A primeira envolve a religiosidade mística do ser humano em sua forma mais primitiva: a do contato com a natureza, com sua capacidade de emocionar-se ao fazer a terra florir ou frutificar, ou nela criar seu rebanho.

A segunda é, antes, de natureza filosófica ou evangélica: nas condições de competição e agressividade em que atualmente vive o homem urbano, ainda será possível identificar quem é o nosso próximo, para amá-lo como a nós mesmos? Parece impossível, não é mesmo?

Muito mais pelas razões humanas antes referidas do que por razões físicas ou es-

* Rua Uruguai nº 508/102 — Tijuca
Rio, RJ

téticas, torna-se vital e redentora a revolução, *verde*, do fim do século. Ela é o mais expressivo dos movimentos coletivos deste momento social.

Será ainda possível preservar nossas espécies orquídeas em seus "habitats" naturais? A resposta é, como em tudo na vida, depende. Em primeiro lugar, *in medio virtus*. É ilusão pensar que vão acabar as derrubadas, as queimadas e a ação dos madeiros coletores de orquídeas. Não vão! Mas conscientização pode muito e a imprensa tem sido decisiva neste campo. Muito mais decisiva que as normas escritas no Diário Oficial ou a atuação de órgãos públicos.

Tenho viajado, em companhia de inúmeros companheiros, a diversos *habitats*. Nas campinás (clareiras que se abrem em meio a mata amazônica) perto de Manaus, onde ocorre *C. eldorado*; em Serra Negra, Gravatá (perto de Caruaru), Pernambuco, onde, ainda, é inesgotável a quantidade de *C. labiata*; em Curvelo, Minas Gerais, repleta de *C. walkeriana*, nas serras perto de Belo Horizonte (todas virando minério), literalmente cobertas de *Laelias* rupícolas e nas matas de Teresópolis, cheias de *Sophronitis*. Também na plenitude estão as *C.*

intermédia das restingas de Cabo Frio e dos banhados do Taim.

Se, em algum Estado, a situação é preocupante, isso ocorre no Espírito Santo. O território capixaba não tem mais que 4% (quatro por cento) da vegetação nativa que um dia o cobriu! Mas, mesmo esta pequena porcentagem remanescente, continua a ser objeto de agressões e queimadas. Isso também ocorre, em menor grau, com as *C. amethystoglossa* e a *C. elongata* na Bahia.

A pergunta síntese, continua sendo: poderão as futuras gerações de orquidófilos contemplar *habitats* naturais?

Penso que a resposta é afirmativa. Afirmativa porque os movimentos convergentes de conscientização ecológica de um lado, e de outro lado a progressiva produção de mudas de qualidade por meio artificial, vão permitir que se chegue a um ponto de equilíbrio.

Claro que essa resposta embute grande dose de esperança, mas, afinal de contas, como lembrava o poeta italiano Dante Alighieri: "sem esperança, vive-se em desespero".



Alvaro Pessoa

A *Laelia lobata*, tem sua ocorrência restrita à cidade do Rio de Janeiro, com habitats, nas pedras dos Morros da Gávea e costão do Pão de Açúcar.

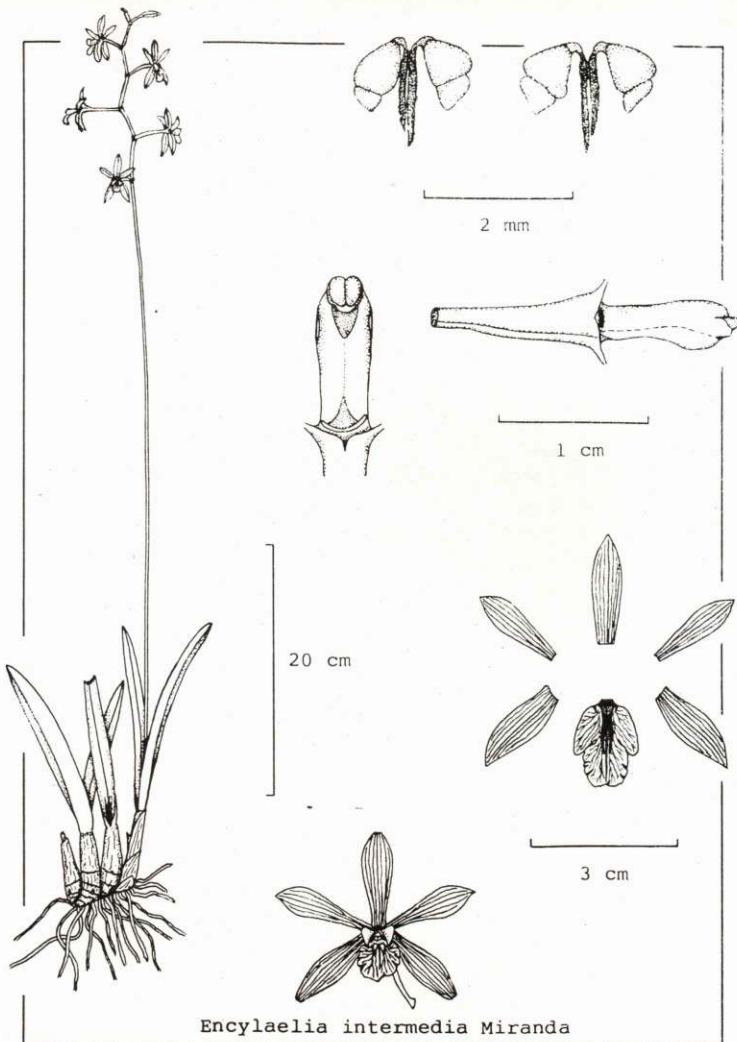
NOTAS SOBRE Algumas NOVAS ESPECIES DE ORQUIDEAS — final.

Encyclaelia x intermedia Miranda in Alber-
toa 3(10):94. 30 dez 1991.

Francisco Miranda*

Rupícola intermediária entre os pais. Raízes filiformes, roliças, com até 2,5 mm de diâmetro. Rizoma cilíndrico, extremamente curto, rígido, anelado, se diferenciando progressivamente em pseudobulbo. Pseudobulbos cilíndrico-ovados, pigmentados em púrpura-avermelhado, durante seu desenvolvimento revestidos por bainhas paleáceas que ao secar deixam apenas suas nervuras como vestígios, se tornando longitudinalmente rugosos quando adultos, com até 10 cm de comprimento por 2,2 cm de largura. Folhas 2 raro 1 por pseudobulbo, linear-lanceoladas, coriáceas, acanoadas e progressivamente menos dobradas para o ápice, em sua base envolvendo o ápice do pseudobulbo, espessas, verde-médias com aparência fosca, com até 18 cm de comprimento e 2,2 cm de largura. Espata linear-lanceolada, aguda, assimétrica, achatada lateralmente, um tanto paleácea, com até 5 cm de comprimento por 6 mm de largura. Inflorescência ereta, 5-7 anelada, com ráque cilíndrica e brácteas para sua base cilíndricas com ápice lanceolado, agudas, apressas à haste, com até 1,2 cm de comprimento, progressivamente e para o topo se tornando mais curtas, lanceoladas e agudas com até 5 mm de comprimento, no total com até 80 cm de comprimento e 4 mm de diâmetro, terminada em rudimento atrofiado; brácteas florais apressas aos pedicelos, triangulares, agudas, com 4 mm de comprimento. Flores se abrindo totalmente, róseas com lábulo esfriado em púrpura e coluna

amarelo-esverdeada, com até 4,5 cm de largura; pedicelo e ovário ligeiramente sinuosos, no total com até 3,5 cm de comprimento, 1,5 mm de diâmetro na porção de pedicelo propriamente dita e 3 mm de diâmetro no ovário; sépalas linear-lanceoladas, planas, agudas, em posição natural num ápice um tanto reflexos, a dorsal com até 2,2 cm de comprimento e 7 mm de largura, as laterais ligeiramente falcadas com até 2 cm de comprimento e 7 mm de largura; pétalas oblanceolado-espatuladas, agudas, planas com até 2 cm de comprimento e 7 mm de largura; lábulo profundamente trilobado, em âmbito elíptico, em seu eixo formando quilha elevada carnosa longitudinal com 2 cristas pouco pronunciadas convergentes nos ápices e mais afastadas em suas porções medianas, lobos laterais bem desenvolvidos, divergentes, lanceolados, para o ápice arredondados, lobo frontal circular com margens onduladas, no total com até 1,9 cm de comprimento e 1,4 cm de largura, coluna alongada com ápice arredondado, subtriangular em seção, totalmente livre do lábulo e se dispondo decurrente com este, com alas laterais no terço anterior voltadas para baixo se dispondo em posição natural envolvendo os lados das elevações da quilha do lábulo, com até 1 cm de comprimento e 3,5 mm de largura; antera cônica, frontal e lateralmente exposta, separada do estigma por roseto bem desenvolvido em forma de membrana, com 4 políneas amarelas, irregulares e unidas em 2 pares, subtriangulares e ligeiramente achatadas lateralmente, cada uma composta de 2 partes soldadas, uma basal e maior, a outra apical e me-



Encyclaelia intermedia Miranda

nor, que nada mais são do que produtos da fusão longitudinal de 2 polínias, cada um destes 2 pares com 2 estipes rugosos e irregulares, um mais curto do que o outro, cavidade estigmática subtriangular, voltada para a frente e encostada ao rosteio, com até 1,8 mm de comprimento e 1,8 mm de largura. Fruto não observado.

ETIMOLOGIA: do Latim *intermedius* 'intermediário', referindo às características vegetativas e florais claramente intermediárias do híbrido com relação aos pais.

Este híbrido natural é sem dúvida uma das mais interessantes ocorrências na sub-

tribo *Laeliinae*. Já tínhamos notícia destas plantas há alguns anos, mas aguardávamos a chance de encontrá-las em flor no habitat, o que só ocorreu há pouco mais de um ano. Pelo que temos notícia, é o primeiro híbrido natural entre uma *Encyclia* e uma *Laelia* descrito como tal.

Em seu habitat, impressiona as plantas serem numerosas, tendo sido encontrados mais de uma dezena de exemplares, todos com características mais ou menos intermediárias entre os pais. O exemplar escolhido como holótipo é o que melhor representa estas características intermediárias

nas flores. No local, um lajeado inclinado a uns 2 km de Inhaí, pequena localidade no vale do Rio Jequitinhonha, ocorre em abundância *Laelia crispata* e muito raramente o outro pai, *Encyclia duveenii*. Na verdade, o híbrido é mais comum do que a *Encyclia*. Para confundir um pouco as coisas, ocorrem ainda plantas de *Laelia tereticaulis*, e o fato das flores de algumas plantas apresentarem segmentos reflexos poderia significar hibridação com estas. Como o 'status' de *L. tereticaulis*, porém, não é muito claro, abandona-se aqui qualquer discussão neste sentido. O clima no habitat é extremamente seco, sendo comuns euforbiáceas subarbusivas e cactáceas, além das mencionadas velloziáceas. As plantas vivem quase sempre associadas a estes pequenos arbustos obtendo assim alguma proteção.

Com relação ao porte vegetativo, este é rigorosamente intermediário entre o dos pais. Os pseudobulbos têm o mesmo formato dos da *Encyclia*, mas são mais alongados como em *Laelia crispata*. As folhas são geralmente em número de duas, mas com certa frequência apenas uma, e são mais largas do que em *Encyclia duveenii*, carnosas quase como em *L. crispata* e com a mesma aparência "fosca" destas. A inflorescência é muito alta, mas não tanto quanto em *E. duveenii*, e não ramificada; o afastamento entre as flores sendo intermediário entre o dos pais. As flores apresentam coloração quase tão intensa como em *L. crispata*, inclusive com o mesmo tom esbranquiçado para a base dos segmentos, mas em termos de forma, sépalas e pétalas são como em *E. duveenii*, porém mais largas. O labelo é intermediário, com a calosidade típica de uma *Encyclia*, porém mais baixa; os lobos laterais são menores do que em *L. crispata* porém mais largos do que em *E. duveenii*; o lobo frontal é maior de que em *L. crispata*. Mais interessante, porém, é o que aconteceu com as políneas. Em híbridos entre plantas de 8 e 4 políneas, poderíamos esperar o que ocorre frequentemente por exemplo em *Laelio-cattleya*, isto é, ou 8 políneos, 4 maiores e 4 menores, ou, 6, 4 maiores e 2 menores,

ou ainda variações destes tipos. Entretanto, o que ocorre em *Encyclaelia intermedia* é que as mássulas polínicas são apenas 4, cada uma formada pela fusão longitudinal de 2, um maior basal e uma menor apical, o que fica fácil de visualizar na figura. Deve ser ainda observado que isto só é bem claro em material fresco. Mesmo no material preservado em líquido, e desta forma escurecido, é muito difícil notar a linha de fusão nas mássulas.

A época de floração é longa, o que é típico em populações de híbridos, indo pelo menos de setembro a dezembro. Isso não quer dizer que as flores sejam especialmente duráveis, mas que há sempre plantas em flor neste período. Além disso, o tipo de floração de *E. duveenii* foi mantido em maior ou menor grau dependendo do indivíduo, isto é, floração sucessiva.

Nota do Autor

Após esta transcrição da descrição de *Encyclaelia intermedia*, uma observação faz-se necessária, já que este artigo está sendo publicado em foro orquidófilo. Como, para efeito de registro de híbridos artificiais, o gênero *Encyclia* é considerado como sinônimo de *Epidendrum*, os menos avisados poderiam considerar que o presente híbrido natural deveria ser chamado de *Epilaelia*. Entretanto, a descrição de um gênero, espécie ou híbrido natural é um assunto de taxonomia botânica, a qual é regida pelo Código Internacional de Nomenclatura Botânica, de modo que não há a mais remota relação com normas de registro de híbridos. Isto deve ser dito porque quem não é botânico muitas vezes tende a confundir os dois assuntos e é muito instrutivo que se saiba que são duas coisas completamente diferentes. Assim, para a nomenclatura botânica, um híbrido entre *Encyclia* e *Laelia* só poderia ter seu nome composto pela união de parte ou de todo o nome dos gêneros formadores. Já no caso de registro de um híbrido artificial entre representantes dos 2 gêneros, o resultante seria uma *Epilaelia*.

MERISMAS SOBRE MERISTEMA. Parte 3

Raimundo Mesquita *

O espaço de que disponho, na Revista (e, creio, na paciência dos leitores...) é pequeno e, por isso, há que aproveitá-lo ao máximo para transmitir esta pequena notícia sobre os mais usuais métodos de reprodução por cultura do tecido vegetal, que tem, como já dito reiteradamente, o só propósito de despertar interesse por essas técnicas, dentre as muitas existentes, já que o campo, hoje, é muito vasto, como pode ver-se na já clássica monografia de Arditti (ref. no final do artigo).

O texto que vimos desenvolvendo e que se conclui neste número, não pretendeu ser exaustivo, já que o campo é muito vasto e carece o autor destes apontamentos de conhecimento científico, nem tem prática da maioria deles. Experimentou, apenas, alguns, os mais comuns, com poucos êxitos e muitos fracassos, fracassos que, aliás, não são privilégios seus, dado que, como reconhecem os mais autorizados autores, é elevado o índice de letalidade nessa forma de reprodução, particularmente quando se trata daquele que é o gênero mais geralmente cultivado por nós brasileiros, *Cattleya*.

Mas, continuemos com a haste.

Sigamos, pois e para concluir, com a propagação a partir da haste floral, muito praticada com *Phalaenopsis*, e que é razoavelmente fácil, desde que possa dispor-se de uma haste floral suficientemente saudável e vigorosa, sendo mais adequada aquela que tenha produzido poucas flores e apresente gemas vegetativas nos seus diversos nós. Hastes velhas não se prestam à reprodução. No item que antecedeu (Orquidário, Vol. 5, nº 4, pág. 23) indicou-se o procedimento de cortar e esterilizar.



William Sweet

Plântulas de *Phalaenopsis*, propagadas de haste crescendo e enraizando em meio de cultura à base de banana (ambos são o 2º frasco de repique).

O estágio subsequente é a instalação dos pedaços de haste, já preparados para a reprodução no frasco. É processo simples, bastando uma pinça, devidamente esterilizada e de tamanho adequado para alcançar a superfície do meio de cultura existente no fundo do frasco. A única exigência é a extrema assepsia de que se necessita, pois o risco de contaminação é grande, já que se trabalha com o frasco aberto. As "capelas" comuns, como a que se descreveu, em número anterior, para semeio (Orquidário, Vol. 5, nº 2, pág. 36), são suficientes, desde se consiga fazer uma boa esterilização.

O meio de cultura, contudo não pode ser, porque não dá resultados, qualquer dos usualmente usados para semear, nem tomate, nem mesmo as fórmulas de Knudson. Pelo menos na arrancada inicial, o meio de cultura tem de ser o desenvolvido por Vacin e Went (1949). Depois, já no segundo frasco, aí, sim, dá para e deve-se usar, outro, à base da nossa banana "d'água" madura. A grande dificuldade

* Rua D. Mariana nº 73/902
22.280 — Rio, RJ

de preparação é a pesagem das substâncias, que exige grande precisão. Pode, contudo, fazer-se, como ensina Arditti, uma solução para estoque, que, depois, se irá diluindo na medida das necessidades. Isso tem a vantagem de poder-se utilizar balanças que só vão até determinados níveis nos miligramas. É a seguinte a fórmula citada, modificada para uso com hastes de *Phalaenopsis* (1):

Preparado o meio de cultura, será ele esterilizado, em autoclave ou panela de pressão, por 15 minutos, após ter atingido o nível de pressão. Os frascos, nesta fase e até serem usados para a propagação terão suas bocas cobertas com papel laminado, que será substituídos, quando da instalação das hastes, por rolas de borracha com um ou dois furos, tamponados com algodão (tudo pré-esterilizado), para assegurar a reno-

MACROELEMENTOS	Quantidade por litro	Sol. de estoque	Vol. de Sol. estoque p. 1l. de meio
1- Fosfato tricálcico $\text{Ca}_3(\text{PO}_4)_2$	200 mg	20g/l	10 ml
2- Nitrato de Potássio KNO_3	525 mg	52,5g/l	10 ml
3- Fosfato de Potássio KH_2PO_4	250 mg	25g/l	10 ml
4- Sulfato de Magnésio $\text{Mg SO}_4 \cdot 7\text{H}_2\text{O}$	250 mg	25g/l	10 ml
5- Sulfato de Amônio $(\text{NH}_4)_2\text{SO}_4$	500 mg	50g/l	10 ml
6- Tartarato de Ferro $\text{Fe}_2(\text{C}_4\text{H}_4\text{O}_6)_3$	28 mg	2,8g/l	10 ml
MICROELEMENTOS			
7- Sulfato de Manganês	5,7 mg	5,7g/l	10 ml
8- Açúcar	20 g	---	---
9- Água destilada: para perfazer um litro, usa-se dissolver os elementos indicados acima, de 1 a 7, em 900ml de água, destilada ou esterilizada, adicionando depois o açúcar e ajustando o PH entre 4,8 e 5. Completa-se, com água, até alcançar 1 litro.			
10-Ágar: 9g (O ágar deve ser dissolvido lentamente, sempre mexendo, quando a solução acima indicada, já esteja em começo de fervura. Deve-se continuar mexendo até que o ágar esteja completamente dissolvido, quando, então, o meio de cultura está pronto para ser levado aos frascos, despejando-se cerca de 12ml em cada frasco).			

(1)O autor citado adverte que as soluções de amônio tendem a contaminar. Assim a solução de estoque, se feita deve ser mantida em freezer. O Tartarato de ferro é pouco solúvel, sendo conveniente apiloa-lo no preparo e agitar quando do uso.

vação de ar e correta troca gasosa.

Ao colocar, com pinça, as seções da haste, no frasco, deve ter-se o cuidado de pressionar ligeiramente para que se firmem na gelósia, que pela pequena quantidade de Agar estará algo gelatinosa. A gema vegetativa deve ficar acima da superfície da

gelósia (ver as fotos na seção precedente, referida atrás).

Depois disso, manter em lugar fresco e arejado, com temperatura que fique na faixa de 23 a 29 graus centígrados e sob iluminação contínua de cerca de 200 lux (2 lâmpadas fluorescentes, de 20w, colocadas a 35cm acima dos frascos dá, mais ou menos, esse resultado).

O desenvolvimento subsequente é o seguinte: em 1 mês, aproximadamente, desenvolve-se a brotação e em cerca de 2 meses os brotos soltam raízes, o que, cuidadosamente, permite desprendê-los dos pedaços de haste, com bisturi, ou outro instrumento pontiagudo, e levá-los para um segundo frasco, com meio de cultura à base de banana, ou, então, pelo desenvolvimento atingido, diretamente para vaso comunitário ou individual, passando a tratá-los como "seedlings" que iniciam o seu desenvolvimento.

Atacando, agora, as gemas de pseudobulbo.

Quando comecei a tentar reproduzir plantas de meristema não tive a chance de, antes, trabalhar com propagação de haste, o que, indiscutivelmente, é mais fácil, como pretendo ter demonstrado nos textos que antecederam. A razão disso é simples e fruto do acaso que cerca as aventuras de todo principiante em qualquer atividade: possibilidade de acesso à informação ou de encontrar quem lhe ensine e treine. Males e virtudes do autodidatismo, das aventuras solitárias de pesquisar e descobrir errando — e muito —, sendo casuais os acertos.

Tendo passado pelo aprendizado da sementeira, a partir da leitura de livros como os de Waldemar Silva e de Mercedes Silva Ramos e tendo podido contar com a ajuda e orientação de Alexis Sauer e de Roberto Novais, achei que era a hora de enfrentar a meristemagem e, como de hábito, fui aos livros... Deparei-me com textos de Morel, o descobridor desse modo de propagação, nas orquídeas, e lá fui eu (as obras encontram-se referidas na pequena bibliografia, no final), atacando os pseudobulbos de *Cymbidium*. Para minha sor-

te, não sacrifiquei nenhuma das plantas da minha coleção, primeiro, porque sabia, por instinto, que deveria trabalhar com plantas que, se perdidas não deixariam saudades; segundo, porque, para minha sorte, parti, sempre, da afirmativa de Morel de que *Cymbidium* tem uma enorme capacidade de regeneração do tecido e que se propaga com facilidade, a partir de gemas extraídas de bulbos traseiros, já sem outra função que não a de eliminar, até ficarem secos e ocos, os de crescimento posterior e que florescem. O máximo que fiz portanto foi roubar um pouco de alimento dos novos bulbos das minhas plantas, mas como todas eram suficientemente fortes, não parecem ter sofrido maiormente.

De outras leituras sobre cultivo, já sabia da capacidade que tem o *Cymbidium* de desenvolver nova planta a partir de um único bulbo, velho e trazeiro e, assim, sem grandes culpas e com a coragem da ignorância fui ao bulbo.

Depois de muitos insucessos que quase me fizeram desistir, não devido a inabilidade mecânica, mas a outras circunstâncias como: contaminação na hora de passar de um frasco para outro, destinado ao posterior desenvolvimento das plântulas obtidas, ou então à mortal oxidação resultante dos fenóis; e, até mesmo, como sei hoje, à falta de paciência de esperar a brotação do tecido verde e vivo, que irrompe do tecido oxidado e morto, que é a primeira aparência do explante antes do brotar da vida.

Achava que não valia a pena investir pesadamente na instalação de laboratório, com caixa esteril, de alto custo, nem em rodas agitadoras, até por que o meu único interesse era saber como as coisas se passam, o que me permitiria conhecer melhor o ciclo da planta, para, acreditava, melhor cultivá-las; além disso, só se justificaria o empreendimento se tivesse eu propósitos comerciais, que não tenho. Por último, entendia que satisfazer minha curiosidade, aguçada sobretudo pelo mistério, com que, no Brasil, os que a dominam cercam essa técnica.

Foi aí que, por intermédio de um cunhado, Mauro Resende, emérito professor da Universidade de Viçosa, MG, pude conhecer, como já conhecera o Prof. Roberto Novaes, o Prof. Sylvio Lopes Teixeira, do Departamento de Cultura de Tecidos, que, na ocasião, prestava, também, consultoria à FAO, creio eu, no desenvolvimento de projetos de assistência à países africanos de atividade agrícola pouco desenvolvida e de poucos recursos econômicos. Pude, então, encontrar respostas a muitas das minhas dúvidas e dificuldades, como pude avaliar a importância da criatividade para superar as limitações econômicas. De pouco adiantaria que aquele professor dissesse àqueles países pobres que deviam montar laboratórios, caríssimos, dotados de instrumental aperfeiçoado, para produzir plântulas isentas dos vírus que dizimam as populações vegetais com que esses povos se alimentam.

Ante tal desafio, o Professor Sylvio preferiu pôr a imaginação a funcionar e concebeu coisas como um microescapelo, para dissecação da gema meristemática, feito com o aço de anzol de pescaria, afiado a martelo e esmeril (assim como Morel já o tinha feito, usando partir em pequenos pedaços as afiadas lâminas, suíças, de barbear) e tendo, como cabo, um fino pedaço de bambu. Veio-me, também, daquele Professor a idéia de produzir uma caixa estéril, de fluxo laminar, usando como elemento filtrante finas folhas de plástico, atrás das quais basta colocar um bom ventilador. Ou, então, esses absorventes íntimos, de cuja capacidade de absorver e filtrar, tanto dependem as mulheres e que, na caixa, de semear ou produzir meristemas dão resultados tão bons...

Aprendi, aí, que para os meus propósitos, de dominar, um pouco, a técnica, para fazer umas plantinhas, para mim e meus amigos e, até mesmo, para salvar uma planta de estimação que estivesse arriscando morrer, eu não precisaria de uma enorme e custosa parafernália. Assim, e resolvidas outras dúvidas, pude de novo voltar a prosseguir com minhas tentativas.

A quem queira seguir, digo, tente, mas comece com *Cymbidium*, com um bom e forte bulbo traseiro, em que se veja debaixo das bainhas já secas e escuras gemas vegetativas (a *Cattleya* também permite trabalhar com bulbo velho, mas o grau de insucessos é bem mais elevado).

Aconselha Morel e é de bom proveito que, antes de partir para a meristemagem, propriamente dita, deve passar-se por um estágio preliminar, em que se estimula a gema (que no bulbo velho está pequena e pouco desenvolvida) a crescer um pouco. Pode usar-se o sistema de plantar o velho bulbo em musgo bem úmido ou colocá-lo num saco plástico transparente, tendo no fundo um pouco de musgo úmido (como se faz para reidratar), fechando-se bem a boca do saco e pendurando em lugar sombreado. Depois de algum tempo tem-se de 2 a 6 "olhos" brotando no bulbo (*Cattleya* costuma produzir de 2 a 4).

Depois de uma nova limpeza em que se retiram os restos da bainha e tecidos necrosados em torno das gemas, inicia-se a esterilização, sem separar as gemas do pseudobulbo, primeiro porque isto tornaria bem difícil o processo de dissecação para obter o meristema, pela quase impossibilidade de segurar firmemente a gema para corte, segundo pela acentuada possibilidade de oxidação do tecido cortado, que, como todos sabemos, é muito forte nas orquídeas. A primeira esterilização é feita, como dito acima sobre a propagação com haste de *Phalaenopsis*, com álcool etanol, durante 20 minutos de completa imersão do bulbo. Após isso lava-se em água esterilizada, deixa-se secar em toalha de papel e leva-se para um banho, também de 20 minutos, em solução de hipoclorito de cálcio, ou de sódio, à razão de 60g/1 litro. É o seguinte o preparo desta solução: dissolve-se 60 gramas de cloreto de cálcio, ou de sódio, e mexe-se por 15 minutos e deixa-se decantar; mexe-se mais 5 min. e deixa-se descansar, outra vez, e após 5 minutos, filtra-se em papel-filtro.

Vencida esta etapa está pronta a gema para o corte.

Nota da Editoria:

Era o propósito de Raimundo Mesquita concluir, neste número, o seu artigo. Mas, como, na parte subsequente, há um bom número de desenhos, fotos e fórmulas, concluímos que teríamos problemas de espaço neste número da revista e, assim, decidimos com a concordância do autor adiar para o próximo número, o término do texto que, pelo número de cartas recebido, tem despertado muito interesse dos

sócios da Orquidário.

Pediú-nos, apenas, Raimundo Mesquita que transmitíssemos um recado a esses sócios, entre os quais destaca Antonio Carlos Hummel, de Manaus, Amazonas, dizendo-lhes que todos serão atendidos nas suas consultas e dúvidas, seja pelo conteúdo do resto do trabalho; seja na seção Perguntas e Respostas, da Revista, em Orquidário Notícias, ou, ainda, em correspondência direta.

FLORABELA

Érico de Freitas Machado
Caixa Postal, 841

29.001 — Vitória — Espírito Santo — Fone (027) 227-6136

40 anos de experiência em orquídeas nativas do Estado do Espírito Santo.



Pedidos e informações

A.B. Gomes Ferreira
Rua do Paissandu, 678/902 — 52010
Recife
Fone: (081) 536-1016

O substrato alimentício 5; 1; 14,
auto estabilizante do pH (5,3); du-
ração mínima de 4 anos.

Revendedor autorizado: Orquidário
Sander, de Osório, RS.

Aceitamos revendedores.

Iara Freitas do Valle
Calçada das Acácias, 56 — 06400
Alfaville — SP
Fone: (011) 421-4508

ILUSTRAÇÃO BOTÂNICA

Maria Cristina Miranda*

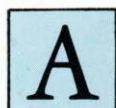


ilustração botânica data de muito tempo atrás, desde que se tornou necessário registrar os resultados obtidos através das investigações sobre a utilidade das plantas, como comestíveis ou curativas. Apesar de muito ter sido produzido neste período, o único trabalho que chegou até nós foi uma cópia feita no Séc. V de um compêndio do Séc. I, o famoso *De Materia Medica* de Dioscórides. Suas ilustrações, embora tenham sido adulteradas nas sucessivas cópias, mantêm o naturalismo clássico que torna facilmente reconhecíveis as plantas.

Com o desmoronamento da antiguidade clássica, não foi possível sustentar progresso no que agora chamamos de ciências naturais e o impulso investigativo cambaleou. O homem da idade média estava mais preocupado com sobrevivência e salvação eterna. É só nos primeiros movimentos da Renascença que o interesse científico é despertado, através de estudos dos textos antigos mantidos nos mosteiros ou redescobertos através do contato com a cultura árabe.

As obras deste período são confusas e de pouco valor científico, pois misturam descrições clássicas com conhecimento popular. E da mesma forma os desenhos, versões adulteradas dos remotos modelos clássicos (Fig. 1), não têm nenhum valor como ilustração botânica.

Mesmo nos últimos anos do Séc. XVI, período em que figuraram Leonardo da Vinci e Albrecht Dürer, os quais realizaram primorosos trabalhos com plantas, estas obras, que, de fato, estavam totalmente fo-

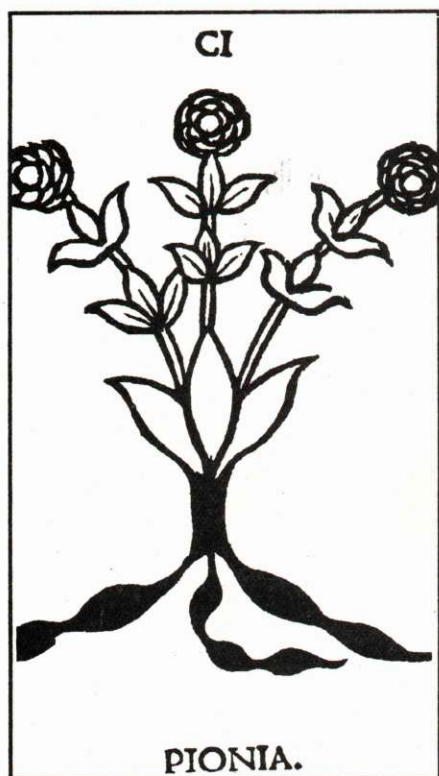
ra da principal corrente de arte renascentista, ainda eram publicadas.

A publicação *Herbarium vivae eicones* (Imagens de plantas vivas), de Otto Brunfels em Strasbourg 1530, marca uma mudança drástica. Além de fazer um texto descritivo das plantas, Brunfels também utilizou-se de um renomado artista, Hans Weiditz, para fazer as ilustrações de plantas a partir de material vivo. Estas vigorosas imagens marcaram o verdadeiro início da ilustração botânica na Europa. Por esta ocasião o período renascentista da arte já estava bem avançado. Leonardo da Vinci e Albrecht Dürer já haviam morrido e Michelangelo estava no meio de sua carreira. Assim, não se pode atribuir o advento da ilustração botânica pura e exclusivamente a uma súbita perícia na técnica básica de desenho; poucos ilustradores contemporâneos poderão se gabar de serem melhores desenhistas que da Vinci e Dürer. Ao contrário, deve ser creditado aos melhoramentos nas técnicas e processos de impressão.

Nos três séculos seguintes à cultura europeia sofreu uma incompatível expansão, através dos esforços dos conquistadores, exploradores, comerciantes e missionários. A botânica e a ilustração foram afetadas pela introdução de plantas dos quatro cantos do globo, trazidas por estes viajantes ou por coletores contratados por instituições científicas e ricos proprietários de jardins. Muitos cientistas e ilustradores foram designados para tais viagens de exploração com o objetivo de registrar e coletar exemplares que ainda não tinham representantes nos Herbários. Vários destes homens morreram, vítimas de naufrágios, ataques de piratas, doenças etc...

Durante o período que vai de 1700 a 1840 a ilustração botânica atingiu seu clímax. O número e diversidade de publi-

*Av. Edson Passos, 4.490
Alto da Boa Vista
20.531 — Rio, RJ



cações cresceram enormemente e com isso a necessidade de um desenho analiticamente exato. Os detalhes florais foram cuidadosamente observados e incluídos nas ilustrações.

A partir de 1840 esta fase brilhante da ilustração começa a declinar. Passa-se cerca de meio século onde poucos projetos significativos são produzidos. Coincide esta fase com a morte de P. J. Redouté, o mais conhecido de todos os ilustradores botânicos da época. Com o Séc. XX retoma-se a produção acelerada devido à rápida transformação e evolução nos processos de publicação.

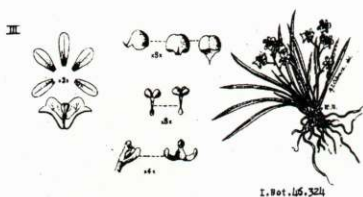
Nos primeiros livros impressos na Europa, o principal meio de impressão das ilustrações era a gravura em madeira, onde o desenho era entalhado em uma placa de madeira e posteriormente impresso no papel. Esta técnica permitia a reprodução de esboços simples, que posteriormen-

te podiam ser coloridos a mão. Ela prevaleceu pela maior parte do Séc. XVI, sendo substituída apenas no final do século pela gravura em metal, a qual permitia uma maior delicadeza nas formas e riqueza de detalhes nos desenhos. Muito mais realismo foi conseguido com refinamentos posteriores nesta técnica. Quando a impressão a cores foi adotada, por volta de 1800, aguadas de cor eram aplicadas a mão nas gravuras, tornando-as muito próximas das aquarelas que elas reproduziam.

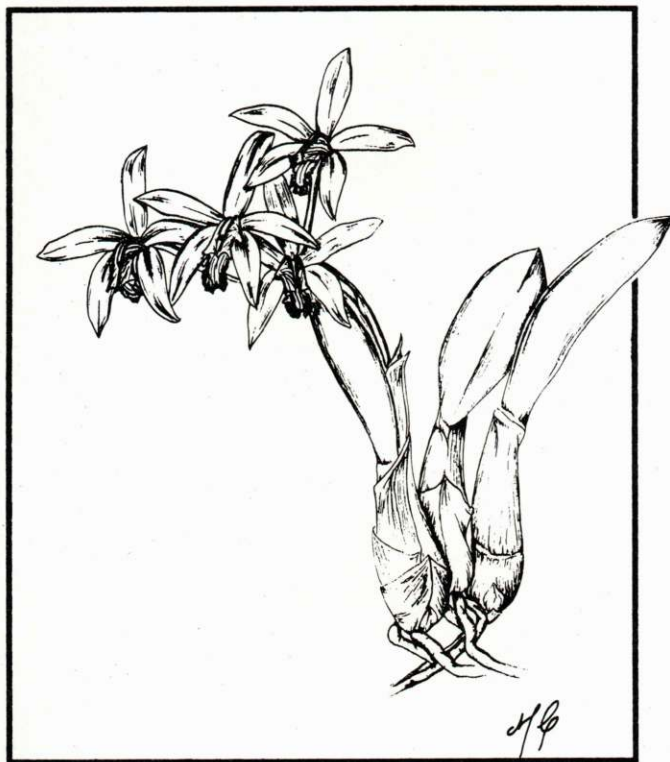
A litografia dominou o campo da ilustração depois de aproximadamente 1830. Nesta técnica a imagem é desenhada com "crayon" (lápis de cera) ou tinta própria numa pedra especial. A pedra é molhada e quando se passa a tinta de impressão, esta adere apenas ao desenho. Logo a eliminação da etapa intermediária de gravação torna este processo mais direto, fácil, rápido e econômico. Esta técnica tornou possível a impressão em larga escala, mesmo antes do processo fotomecânico do nosso século transformar o campo da ilustração, permitindo que se reproduza, praticamente em quantidade ilimitada e tão fielmente quanto possível, qualquer tipo de trabalho de arte. Os processos tradicionais de impressão foram desenvolvidos para o mesmo propósito que as técnicas fotomecânicas atuais, mas nós agora vemos estas ilustrações antigas de uma maneira especial. Gravações em madeira, metal, litografias são, ao contrário das reproduções fotomecânicas, obras originais e desta forma bastante procuradas por colecionadores.

Independente de seu valor monetário, estas obras antigas têm um valor histórico sem preço. Muitas são designadas como *typus* de espécies, procedimento freqüente para espécies descobertas no século passado, o do qual não existem exsiccatas em herbários.

Não menos significativas que estas, são as obras atuais que vemos em monografias sobre a família Orchidaceae, o que, no caso, nos interessa aqui (Fig. II). Muitas são



de extremo rigor científico e grande beleza, constituindo um instrumento fundamental para este tipo de trabalho, visto que uma fotografia, por melhor que tenha sido feita, não consegue reproduzir, num mesmo quadro, características muitas vezes essenciais para a compreensão de um determinado trabalho científico.



O artigo que antecede de Cristina Miranda foi de certo modo, solicitado pela Editoria como abertura e prólogo do Concurso de Desenhos e Pinturas que lançamos com vistas a aumentar o quadro de ilustradores de Orquidário, seja para desenho botânico, seja por uma visão mais artística da planta e flores. Dentre os já recebidos destacou-se a aquarela, que se mostra na página seguinte, de William Richard Gilbert retratando uma *Brassia chloroleuca*.



NOTAS SOBRE O GÊNERO ONCIDIUM IX

Carlos Eduardo de Britto Pereira *



Francisco Miranda

Oncidium varicosum

Cultivo - C.E. de Brito Pereira

Alguns problems de classificação

1— *Oncidium varicosum* Lindl = *Oncidium euxanthinum* Reich.f.?

Nas publicações recentes sobre o gênero *Oncidium* ou onde a relação de suas espécies têm aparecido, o *O. euxanthinum* tem sido apresentado como sinônimo de *O. varicosum*.

A primeira publicação de peso com que tive contato ao começar a me dedicar ao estudo do gênero (Martius — Flora Brasiliensis), de saída me trouxe dúvidas no que diz respeito à validade desta sinonímia. Nela aparecem as descrições latinas de 131 espécies de *Oncidium*, sendo que algumas nativas de países limítrofes com o Brasil, embora de ocorrência considerada provável para o território nacional. Como exemplo podemos citar o *O. bifolium* Sims, que

tendo sido descrito a partir de plantas coletadas em Montevideo (Uruguai), hoje em dia, sabe-se que também ocorre no Brasil.

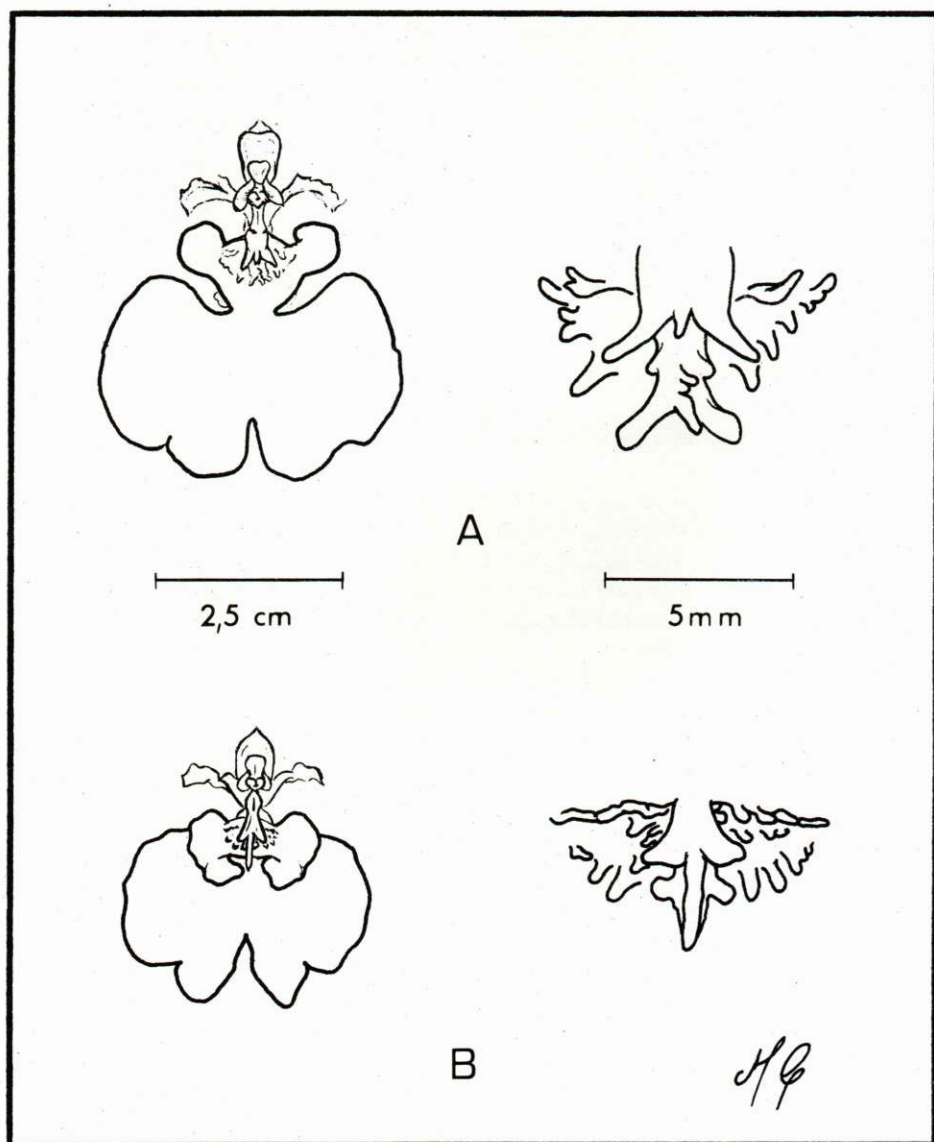
Para *O. varicosum* e *O. euxanthinum* as descrições evidenciavam algumas diferenças tão relevantes que a meu ver justificaram essa minha desconfiança. E os anos foram passando sem que eu pudesse ter a confirmação de minhas suspeitas.

Há dois anos, por ocasião de uma exposição orquidófila no interior do Estado de São Paulo, deparei com algumas plantas, identificadas como *O. varicosum* e *O. bifolium*, cujas características assemelhavam-se às descritas por Cogniaux na Flora Brasiliensis para *O. varicosum*. Mais uma vez aguçou-se meu interesse pela questão. Embora ainda não podendo provar nada, pelo menos a planta existia. Faltava ainda a confirmação pelo exame da planta "tipo" das espécies nos Herbários onde tivessem sido depositadas.

Finalmente no ano passado, por ocasião de pesquisas nos Herbários de Kew Gardens e do Museu de História Natural de Viena, tive a oportunidade de examinar o material "Tipo" e outros materiais das duas espécies, o que permitiu ver confirmadas plenamente minhas suposições e entender

a razão do mal-entendido existente, causado por mistura e confusão na nomeação do material "Não-Tipo" feita por botânicos posteriores aos que descreveram as espécies.

As características que facilmente diferenciam as espécies podem ser vistas claramente nos desenhos a seguir.



A — *Oncidium varicosum*
B — *Oncidium euxanthinum*



Oncidium euxanthinum

Cultivo - C.E. de Brito Pereira

Paulo Barbosa

O. varicosum—

Lobos laterais do labelo pequenos e arredondados.

Calo composto por duas séries de três dentes circundados por linhas de pequenas verruguinhas.

Ainda resta a dúvida sobre o que é *O. varicosum* var. *rogersii* Reich, f. Para tentar situar esta variedade vou relacionar as publicações originais deste grupo de espécies, lembrando que a anterioridade faz prevalecer um nome, desde que este tenha um material "tipo" como referência, aparecendo como uma mera citação ou se tenha uma descrição completa (também com material de referência). Até hoje existem alguns nomes derivados de meras citações, por tanto nomes teoricamente inválidos.

O. varicosum Lindl — Bot. Reg. (1837) e Journ. Hort. Soc. Lond. (1850)

O. euxanthinum Reich. f. — Gard. Chron. (1869)

O. rogersii Hort — Gard. Chron. (1868)

O. varicosum var. *rogersii* Reich. f. — Gard. Chron. (1870)

Desta relação vale a pena analisar as duas últimas. O *O. rogersii* aparece como uma mera citação de uma planta que floresceu em Londres em 1868.

Na descrição do *O. varicosum* var. *rogersii*, Reichenbach como estava descrevendo a variedade de uma espécie já descrita e conhecida faz só referência a sua beleza e ao número de flores existentes na sua haste floral (não menos de 170). Ela vem acompanhada de uma ilustração em que não se pode ver os detalhes do calo, mas onde se pode ver nitidamente o formato circular dos lobos laterais do labelo.

Por estas razões sou inclinado a considerar o *O. varicosum* var. *rogersii* como sinônimo de *O. euxanthinum*.

2— *Oncidium praestans* Reich. f. e *Oncidium polletianum* Reich. f.

Estes nomes têm sido dados como sinônimo de *O. gardnerii* Lindl já desde a edição da Flora Brasiliensis, uma vez que foi Cogniaux quem os considerou como variedades de *O. gardnerii*. (*O. gardnerii* var. *praestans* e *O. gardnerii* var. *polletianum*)



Oncidium praestans

C.E. de Brito Pereira

Francisco Miranda

Confesso que nunca havia pensado sobre este problema até que no Herbário de Viena encontrei e pude examinar os materiais "tipo" destes dois *Oncidium* e concluir que de fato são espécies distintas e válidas. Devo acrescentar que já havia visto flores destas espécies em Orquidários comerciais do Estado do Rio de Janeiro e que julgava serem espécies ainda por descrever.



Paulo Barbosa

Oncidium gardnerii

Cultivo - C.E. de Brito Pereira

Todas as referências bibliográficas que tive em mãos colocam estas espécies como híbridos naturais de *O. dasytyle* Reich. f. *O. X praestans* — provavelmente (*O. dasytyle* x *O. gardnerii*.) *O. X polletianum* — provavelmente (*O. dasytyle* x *O. forbesii* Hook.)

A meu ver a hibridação difere das citadas acima.

O. X praestans — (*O. dasytyle* x *O. forbesii*).

O. polletianum — (*O. dasytyle* x *O. curtum* Lindl).

Faço estas considerações baseado nos desenhos que pude examinar e no material vivo que vi, ainda sabendo que as plantas referentes aos desenhos do *O. praestans* aparecem na mesma árvore e mesma região onde crescem o *O. dasytyle* e o *O. forbesii*.

GULOSOS E FAQUIRES

Roberto Agnes *



Cattleya trianae

Cultivo - Florália

Roberto Agnes

Seria praticamente impossível negar que um prato de comida bem preparado é algo apreciado por todos nós. Além do prazer que ele nos oferece, exerce também a função de nos fornecer a nutrição necessária à sobrevivência. O mesmo é verdade em relação às orquídeas. Existem também entre elas, como entre nós, gulosos e faquires.

O objetivo deste artigo é demonstrar a importância do uso correto de adubo, para o desenvolvimento de plantas saudáveis e capazes de florir em seu potencial máxi-

mo. As duas fotos escolhidas para ilustrá-lo são testemunhos disso; as plantas, em ambos os casos, geram múltiplas frentes e produzem todo ano uma abundância de flores. Isso não seria possível sem a aplicação de fertilizantes, em dosagens corretas e equilibradas.

A maioria dos orquidófilos usa os chamados adubos inorgânicos: compostos químicos formulados, principalmente, à base de nitrogênio, fósforo e potássio. Eles são encontrados em forma sólida ou líquida e em sua aplicação precisam ser dissolvidos em água. Os três elementos mencionados acima são conhecidos como macronutrientes e a proporção deles é sempre fornecida na embalagem. A ordem em que

* Rua Alberto de Campos, 107/302, RJ

eles são apresentados é quase sempre igual, i.e., Nitrogênio: Fósforo: Potássio. Neste sentido, um fertilizante com as proporções 30:10:10 implica numa composição de 30 partes de nitrogênio para 10 partes de fósforos e 10 partes de potássio.

O tipo (composição) de fertilizante a ser empregado depende de vários fatores. Por ex., o tipo de substrato ou gênero de orquídea. Orquídeas cultivadas em substratos orgânicos como xaxim ou casca de árvore precisam de um regime de adubo bem controlado. No segundo caso, torna-se necessário, logo após o replante, uso de um adubo rico em nitrogênio, i.e. 30:10:10. A isto se deve o fato de que o substrato começa a entrar em decomposição através da ação de bactérias e fungos que, precisando de nitrogênio para suas atividades, acabam privando a planta desse elemento. Tendo o processo alcançado um certo limiar, as próprias bactérias começam a se decompor e por sua vez, tornam-se uma excelente fonte defertilizante (nitrogênio). Isso não quer dizer que o cultivador precise dar um tratamento lodo depois de reenvasar a planta. Se o fizer acabará queimando o sistema radicular. Quando as novas raízes começarem a aparecer, deve-se aplicar um adubo de teor alto de nitrogênio, por ex. 30:10:10 para equilibrar a ação das bactérias. A dosagem nunca deve ultrapassar à indicada na embalagem, aliás, por uma questão de segurança, é preferível, é preferível a metade da dosagem recomendada pois desta forma evita-se qualquer risco de queimar as raízes. Este esquema pode também ser utilizado em orquídeas plantadas em xaxim.

Um erro cometido por muitos orquidófilos neófitos é achar que dosagens altas de fertilizante farão crescer com mais rapidez as suas orquídeas. Pode ocorrer que, no início, a planta reaja positivamente a este regime (caso esteja com o sistema radicular saudável), mas logo demonstrará sinais de que está sendo prejudicada pelo uso excessivo do adubo. O primeiro fator adverso a ser considerado é a degeneração acelerada do substrato que, se não trocado,

transformar-se-á em uma massa encharcada, impedindo as raízes de exercerem suas funções. A longo prazo, o resultado será o enfraquecimento da planta e mesmo o apodrecimento do sistema radicular. Nos primeiros dois ou três anos em que essas altas dosagens forem aplicadas, a planta poderá gerar brotos novos bem maiores e mais robustos, se comparado aos antigos. Posteriormente, notar-se-á o surgimento de brotos com defeitos de crescimento, tais como flacidez do bulbo e folhas retorcidas. A planta começará a produzir flores deformadas em hastes fracas que precisarão ser estaqueadas para evitar que se quebrem. Podemos ainda acrescentar que, em estudos recentes, confirmou-se a existência de uma correlação entre o uso excessivo de nitrogênio e a susceptibilidade das plantas à alguns tipos de vírus.

As proporções relativas dos elementos nos fertilizantes são de extrema importância. A assimilação de um deles é integralmente relacionado à disponibilidade dos outros. O excesso de um acabará prejudicando a ação dos outros. Isto nos leva à polêmica entre o uso de adubos inorgânicos versus adubos orgânicos. No caso dos fertilizantes inorgânicos de boa qualidade, sempre se sabe a proporção dos elementos, por ex: 30:10:10; 18:18:18 ou 10:20:30; tendo cada tipo um uso específico. Infelizmente o mesmo não se pode dizer dos fertilizantes orgânicos como torta de mamona ou esterco de galinha (de alto teor de nitrogênio), já que pouco se sabe sobre as proporções dos seus elementos. Existem orquidófilos experientes que se restringem ao uso desses adubos orgânicos com aparente sucesso. Porém, sem querer desmerecer os seus resultados, tenho visto casos onde a aplicação desses produtos, principalmente por iniciantes, resultou em danos expressivos às plantas. Depois de uma fase de bom crescimento, elas desenvolveram os sistomas acima mencionados e somente após muito trabalho foi possível recuperá-las.

Outro fator importante é o PH do substrato; a eficácia com que o adubo é absor-

vido depende de sua acidez. O nível ótimo de um PH é de 5.0 - 6.5 o que normalmente se encontra nos substratos. No caso de *Paphiopedilum* é sempre aconselhável colocar uma pitada de cal dolomítica na superfície de cada vaso. Essas plantas, na sua maioria, crescem em lugares de solo levemente alcalino e a cal fornece o equilíbrio necessário para assegurar a absorção eficaz do adubo.

Um último fator a ser considerado é o tipo de orquídea a ser adubada. Como mencionei no artigo sobre rega (Secos e Molhados, Vol. 6, no 1, pág. 21), seria impossível ditar regras individuais para cada tipo de orquídea. Por isso é aconselhável ler os artigos que tratam de gêneros específicos. Da mesma forma que para cada tipo de orquídea, a rega muda de acordo com as estações etc., o mesmo pode ser dito a respeito da adubação. De modo geral existem orquídeas, como, por ex., *Cattleya*, *Cymbidium* e *Vanda* que poderiam ser chamadas de gulosas pois precisam de bastante adubo durante sua fase de crescimen-

to. Por outro lado temos os faquires, como por ex. *Masdevallia*, *Miltonia* e *Paphiopedilum* que precisam de dosages bem reduzidas de adubo para seu desenvolvimento. Tendo em vista a complexidade desta família devem mencionar as orquídeas que, durante sua fase de crescimento, são gulosas mas que uma vez terminada essa fase, tornam-se rigorosos faquires, como por ex. *Catasetum* e *Dendrobium*, tipo nobile.

Com a utilização de adubos inorgânicos torna-se necessário evitar o acúmulo de sais minerais no substrato. Um sinal típico deste acúmulo é a formação de um depósito de cristais brancos em volta da parte inferior do vaso. Esses sais podem queimar as raízes e este excesso pode ser lixiviado mediante boas regras entre cada aplicação de adubo. Nos casos extremos de acúmulo (camada sólida de cristais brancos em volta do vaso) torna-se necessário o reenvasamento de planta.

Cada elemento que compõe o fertilizante exerce uma função específica no desenvolvimento das orquídeas. Os macro-



Cymbidium Bud March 'Rosetta' GM/13th WOC, exemplo de floração exuberante, resultado de adubação aplicada de forma correta e equilibrada.

Roberto Agnes.

nutrientes são de importância vital no crescimento da planta.

O *nitrogênio* é usado no crescimento vegetativo e na criação de proteínas e clorofila. A deficiência dele resulta em clorose, perda de folha de brotos subdesenvolvidos.

O *fósforo* e *potássio* são catalisadores e reguladores de crescimento. Servem de equilíbrio para o nitrogênio na produção de proteínas. Sintomas dessa deficiência são: crescimento inadequado, folhas muito escuras e necrose nas margens das folhas.

Temos ainda como macro-nutrientes:

O *enxofre* — usado na produção de proteínas.

O *cálcio* — regulador de crescimento e fortificante das paredes celulares.

O *magnésio* — usado na produção de clorofila e na assimilação do fósforo.

A deficiência desses elementos resulta em crescimento atrofiado e clorose das folhas.

Os micro-nutrientes compostos de: *cobre*, *zinco*, *manganês*, *ferro*, *cloro*, entre outros, são fundamentais para o bem-estar da planta e para o aumento de sua resistência às doenças. No entanto, é importante lembrar que eles são altamente tóxicos quando aplicados em dosagens excessivas.

Existe hoje em dia, no mercado, uma grande variedade de adubos inorgânicos para serem utilizados em suas orquídeas. Alguns são compostos de macro e micro-nutrientes, fornecendo assim todos os elementos necessários para o bom desenvolvimento das plantas. Da mesma forma que uma dieta bem balanceada nos manterá saudáveis, o mesmo acontecerá com a utilização adequada de um bom adubo.

O GÊNERO STANHOPEA

Rudolf Jenny

Tradução Waldemar Scheliga
Die Orchidee 38 (5) 1987

Stanhopea candida Barb. Rodr.
Genera et Species Orchidearum Novarum:
101. 1977.

Sinônimo: *Stanhopea randii* Rolfe
(*Kew Bulletin* 1894: 363)
Stanhopea eburnea var. *nivea*
hort.

Histórico:

Stanhopea candida foi descrita por BARBOSA RODRIGUES em 1877 na sua obra *Genera et Species Orchidearum Novarum*. A planta foi coletada no Rio Capim, Estado do Pará. Na descrição BARBOSA RODRIGUES menciona a ilustração numa prancha (t.260) que, no entanto, nunca foi publicada, nem as demais citadas no referido livro. (Os originais inéditos encontram-se sob a guarda da Biblioteca do Jardim Botânico do Rio de Janeiro — nota do tradutor). Em virtude da grande dispersão dessa espécie, que se espalha desde a Colômbia até a Venezuela e daí através da Guiana até o Brasil, surgiram descrições de *Stanhopea candida* na literatura florística de todos esses países, como de GARAY & DUNSTERVILLE na *Venezuelan Orchids Illustrated* (4: 286.1960), em *Martius Flora Brasiliensis* (3/part. IV: 534. 1896) redigido por A. COGNIAUX e na *Flora Brasílica* de F. C. HOEHNE (12/part. VI: 161. 1942). Também em obras mais recentes como FOLDATS *Flora Venezuelana* e em *Orquidaceas Brasiliensis* de

PABST & DUNGS, essa espécie é mencionada.

Como sinônimo de *Stanhopea candida* pode-se considerar o nome *Stanhopea randii* descrita por ROLFE em 1894 no *Kew Bulletin*. A planta também veio do Pará e foi coletada por E. S. RAND. ROLFE mencionou um íntimo parentesco com *Stanhopea eburnea* Lindley, assim como o odor forte e adocicado. Um exame do tipo de *Stanhopea randii* porém, prova a perfeita concordância com a *Stanhopea candida* descrito por BARBOSA RODRIGUES. Uma *Stanhopea eburnea* var. *nivea* hort., citada por SCHLECHTER, na opinião de-



Stanhopea candida

Rudolf Jenny

Moosweg 9
CH-3112 Allmendingen
Suíça

HOEHNE também deve ser creditada à *Stanhopea candida*. Infelizmente, o material existente dessa variedade é escasso e insuficiente para se chegar a uma conclusão exata e inquestionável.

Stanhopea candida tem sido objeto de vários estudos quanto ao relacionamento ecológico da polinização, tanto por parte de Pedro Ivo SOARES BRAGA em *Acta Amazonica* (6: 433. 1976), como também por PIJL e DODSON em "Orchid Flowers their pollination and evolution", 1969. Como agente polinizador DODSON menciona a *Euglossa ignita* e, posteriormente, (Selbyana 1: 117. 1975) *Euglossa chlorosoma*. BRAGA por sua vez cita a *Eulaema mocsaryi* e também *Euglossa ignita*. A composição do odor foi examinado e é do conhecimento geral. Vários componentes, em diferentes proporções, encontram-se em outras espécies de *Stanhopea*. *Stanhopea candida* não chega a ser uma raridade em cultivo, porém, muitas vezes é confundida com as duas espécies mais próximas *Stanhopea grandiflora* e *Stanhopea reichenbachiana*.

Ocorrência:

Sua ocorrência estende-se desde a Colômbia e Venezuela, através do Equador e Brasil até o Peru, geralmente em altitudes de 100 até 600 m, em matas quentes e úmidas.

Etimologia:

candida = branco-puro

nivea = branco-neve

randii = refere-se à E.S. Randi do Pará.

Stanhopea grandiflora (Lodd.) Lindley
Genera and Species of Orchideous Plants:
158. 1832

Ceratochilus grandiflorus Loddiges
(Loddiges' Botanical Cabinet 15/t. 1414.
1828)

Sinônimos: *Stanhopea eburnea* Lindley
(Edwards's Botanical Register
18: t. 1529. 1832)
Stanhopea calceolata Drapiez

(L'Horticulteur Universel 2:
264. 1841)

Stanhopea eburnea var. *spec-*
tabilis Lemaire

(L'illustration Horticole
14:t.531. 1867)

Stanhopea grandiflora var.
nivea hort. ex Stein
(Orchideenbuch 1892:564)



Stanhopea grandiflora
Prancha do Edward's Botanical Register (vol. 18. 1529), pub. como
Stanhopea eburnea

Rudolf Jenny

Histórico:

Em 1828 Conrad LODDIGES descreveu *Ceratochilus grandiflorus* em seu Botanical Cabinet, baseado numa planta oriunda de Trinidad. A mesma floruiu em Setembro de 1827 em sua coleção e provinha de R. WOODFORD. LODDIGES e também John LINDLEY que lhe tinha sugerido o nome *Ceratochilus*, não repararam que esse nome genérico já tinha sido dado anteriormente por BLUME para um gênero de orquídeas da Ásia Oriental e, portanto, não estava disponível. Em 1832 LINDLEY corrigiu o erro e converteu *Ceratochilus grandiflorus* para *Stanhopea*

grandiflora. Simultaneamente fez nova alusão à *Stanhopea eburnea* que pouco antes tinha sido descrita por ele. Esta espécie LINDLEY já tinha descrita no Edwards's Botanical Register em 1832, segundo uma planta da coleção de J. BATEMAN de Knypersley Hall, Inglaterra. BATEMAN por sua vez recebeu a mesma do Brasil, coletada nos arredores da cidade do Rio de Janeiro. O material vivo que LINDLEY recebeu estava acompanhado de um desenho elaborado por Jane EDWARD e algumas notas que serviram a LINDLEY para suas comparações com *Ceratochilus grandiflorus*. Nessa ocasião BATEMAN escreveu para LINDLEY: "... and in foliage the plant I possess of *Stanhopea grandiflora* being much smaller, more pointed and pliant in its leaves. Not, however, having seen a flower of the latter, I know not exactly in what respect it differs from it." LINDLEY diante desses comentários, respondeu da seguinte maneira em sua descrição: "... To this last species (*S. grandiflora*) is indeed very closely allied; but it appears to differ from it in some points of importance. In the first place, its flower are not more than two-thirds of the size; secondly, the horns of the base of the lip proceed from the middle of the margin of the hypochilum, and not from the front of the margin; and thirdly, the scape in *S. grandiflora* is shorter than the sepals, so that the flowers are erect, while in *S. eburnea* the scape is twice as long, and pendulous. Such as least are differences that are to be discovered upon comparing this Messrs. LODDIGES' figure of *Ceratochilus grandiflorus*, and with a few notes upon that species which we formely made when a blossom was communicated to us by those gentlemen in August 1828. We, however, should not perhaps have attached so much importance to these peculiarities, if *S. eburnea* had not been native of Rio de Janeiro, and *S. grandiflora* of Trinidad: but we know that it rarely happens that the same species of Orchideous plants inhabits such very distant stations." A ilustração de LINDLEY não deixa qualquer dúvida

quanto a identidade com a espécie *Ceratochilus grandiflorus* de LODDIGES. A diferença no mencionado ponto de inserção dos chifres no hipoquílio provavelmente resulta da apreciação através de diferentes ângulos apresentados pelas duas figuras. A figura apresentada posteriormente por DRAPIEZ da *Stanhopea calceolata* mostra o mesmo ponto de inserção dos chifres no hipoquílio como a de LINDLEY. O tamanho das flores não são atributos para uma avaliação criteriosa da espécie devido a grande disseminação de variantes da mesma. Por outro lado, acontece que muitas *Stanhopeas* mal cultivadas ou envasadas erroneamente, produzem inflorescências eretas ou tortas devido a deformação no interior do vaso. Também esse aspecto é imprestável como índice de uma característica. Além disso, as referidas diferenças apontadas por LINDLEY não se baseiam em comparações sobre material vivo e tão somente de desenhos. Apesar de todo respeito devido à qualidade das antigas ilustrações, deve-se obedecer a uma certa reserva. Hoje dá-se preferência ao estudo com material vivo, a qualquer outra comparação baseada sobre desenhos e ilustrações. *Stanhopea grandiflora* ocorre desde o Brasil até a Colômbia e Venezuela, portanto, numa extensa área (o que, aliás, na época de LINDLEY ainda era desconhecido) e sua ocorrência em Trinidad seria possível. Também nesse caso o estabelecimento de duas espécies, baseado na ocorrência isolada segundo LINDLEY, não é aceitável dentro dos atuais critérios. De conformidade com a documentação disponível, *Stanhopea grandiflora* e *Stanhopea eburnea* são espécies idênticas e, sendo o nome *Ceratochilus grandiflorus* ou seja o daí resultante nome definitivo *Stanhopea grandiflora*, este último tem inequívoca prioridade. *Stanhopea grandiflorus* (Lodd.) Lindley, de forma alguma deverá ser confundida com *Stanhopea grandiflora* (Humboldt & Bonpland) Rchb.f.. Este nome não é válido por ser mais recente do que *Stanhopea grandiflorus* (Lodd.) Lindley. Por sua vez, a espécie descrita como *Sta-*

Stanhopea grandiflora (Humboldt & Bonpland) Rchb.f., na realidade refere-se à *Stanhopea jenischiana*.

Em 1841 DRAPIEZ descreveu na Horticulturna Universal uma *Stanhopea calceolata* baseado numa planta da coleção de Van der MAELEN que, por sua vez, a tinha recebido do México por intermédio de GALEOTTI. A imagem ilustrada na mesma ocasião porém, mostra nitidamente tratar-se de *Stanhopea grandiflora*. Segundo L. O. WILLIAMS (The Orchidaceae of Mexico 1965) não foi confirmada a ocorrência da mesma no México. WILLIAMS acha que provavelmente houve algum erro de redação do referido texto. Porém, como GALEOTTI só coletava orquídeas no México, essa suposição se torna duvidosa. DRAPIEZ se refere especificamente à uma planta coletada por GALEOTTI. Resta supor que o equívoco tenha partido de Van der MAELEN da Bélgica, confundindo duas plantas entre si. As coletas em Trinidad foram expressamente confirmadas por R. E. SCHULTES. Também das Guianas Britânicas Ch. SCHWEINFURTH cita vários achados em 1967.

Foram descritas duas variedades de *Stanhopea grandiflora*: *Stanhopea eburnea* var. *spectabilis* por Ch. LEMAIRE na L'illustration Horticole (14: t. 531 1867) e *Stanhopea grandiflora* var. *nivea* hort. por STEIN (Orchideenbuch). Esta última, porém, poderá ser idêntica com a já mencionada *Stanhopea eburnea* var. *nivea* que, na opinião de HOEHNE deveria ser creditada à *Stanhopea candida*. Disto, no entanto, não existe comprovação e, assim, neste caso, a variedade deverá ser mantida como sinônimo de *Stanhopea grandiflora*. *Stanhopea eburnea* var. *spectabilis* Lemaire, provavelmente procede do Brasil. De onde se origina a *Stanhopea grandiflora* var. *nivea* não é conhecido. As duas variedades foram estabelecidas com base sobre detalhes da coloração e do tamanho das flores e dificilmente poderão ser sustentadas como tais.



Stanhopea grandiflora

Rudolf Jenny

Ocorrência:

Stanhopea grandiflora cobre uma vasta área da América do Sul, partindo do Brasil através da Guiana, Surinam, Trinidad e Venezuela até a Colômbia. O habitat se situa do lado oriental da Cordilheira dos Andes, principalmente em matas úmidas e quentes, nas cabeceiras dos tributários do Rio Amazonas e Orinoco, em altitudes de 100 até 1.000m. Ocorrências no Equador e Peru seriam admissíveis, porém, até agora, não foram confirmadas.

Etimologia:

eburnea = branco-marfim

grandiflora = flores grandes

nivea = branco-neve

spectabilis = vistoso, com relação ao tamanho das flores calceolata

Ceratochilus = composição das palavras do latim ceratus = chifre e chilus = labelo, com referência aos dois chifres no mesoquilio (a parte média do labelo)

UM PERFIL: HEITOR GLOEDEN

Oscar V. Sachs Jr.

Muitos aventureiros e naturalistas vêm percorrendo as matas e serras do Brasil, há três ou quatro séculos. Poucos terão conhecido e pesquisado tantos lugares, tantos habitats de orquídeas como Heitor Gloeden, 81, um dos fundadores, há mais de 50 anos, do Círculo Paulista de Orquidófilos.

Ao contrário de outros interessados em orquídeas, que delimitaram sua área de ação a um estado ou região, Heitor percorreu quase todo o Brasil, com exceção da Amazônia, e é reconhecido como autoridade em *Laelia purpurata* e *Cattleya intermedia*, do sul do país, em *Laelias* rupícolas e *Cattleya warnerii*, do Espírito Santo, *Laelia jongheana* e *L. pumila*, de Minas Gerais, *Cattleya walkeriana*, *nobilior* e *dolosa* no centro-oeste, *Cattleya labiata* no nordeste e muitas outras plantas que coletou, com muitas variedades que vieram para a orquidofilia por seu intermédio.

Seguindo os passos de seu pai, Norberto Gloeden, um farmacêutico filho de alemães, com muita habilidade para tratar de animais e lidar com plantas, Heitor começou a acompanhá-lo em excursões aos dez anos de idade e muitas vezes foi sozinho às matas, criança ainda, para atender pedidos de plantas nativas para os primeiros colecionadores de São Paulo e do exterior. Pai e filho trouxeram para São Paulo muitas orquídeas novas, inclusive para o acervo do Jardim Botânico, cujo diretor, o grande botânico F. C. Hoehne descreveu, classificou e deu o nome de *Laelia gloedeniana* a uma rupícola trazida do Espírito Santo.

Moço ainda, foi funcionário público, no Ministério da Agricultura, num cargo administrativo desempenhado com zelo e eficiência, reservando as férias para as excursões. Teve repetidas demonstrações de reconhecimento, por superiores e autoridades, mas seu espírito livre e irrequieto levou-o a pedir demissão e voltar às matas, passando a viver apenas da coleta, cultivo, reprodução e venda de orquídeas.

Ficaram famosas (e algumas foram descritas em saborosas crônicas) as viagens de Heitor Gloeden ao sul do país, atrás das (*L. purpurata* e *C. intermedia*), e aos estados de Alagoas, Ceará e Pernambuco, atrás da *Cattleya labiata*, a chamada "Rainha do Nordeste".

Lá no nordeste, aonde se chegava por longas e cansativas viagens de avião e de velhos e desengonçados ônibus, chamados de "sopas", Heitor fez muitas amizades e conheceu muitos habitats. Quando ele chegava, corria logo a notícia: era o "francês", o "alemão" ou o "paulista das parasitas". Muita planta já estava reservada para ele, amarrada nos galhos de árvore nos quintais.

É possível imaginar a cena: voltando de sua própria entrada na mata, Heitor era recebido por gente muitas vezes vinda de longe, puxando o jegue com os balaies laterais carregados de plantas, que eram postas no chão para acertar o preço e a compra. Era sempre uma negociação matreira, onde entravam, além de dinheiro, algumas "bicadas" de cachaça e, se a flor era mesmo boa, algumas cuias de farinha ou um pedaço de carne-de-sol. Sabendo que havia uma grande procura de *albas*, os caboclos tiravam o lóbulo central dos labelos coloridos, afirmando que as formigas tinham

cortado e que a flor era branca. . .

No tempo de seu pai, ao sul do país se ia de navio costeiro, dois apenas, um que subia, outro que descia a costa. Mais tarde, já se viajava pelo menos até Porto Alegre de avião, depois de carro, de trem e muitas vezes a lombo de burro ou a pé mesmo. Heitor ganhou muitas garrafinhas de chamapanhe que a Varig distribuía aos passageiros, tantas as viagens que fez. Só com seu amigo Paul Ewald, de Santa Catarina, ele foi pelo menos 16 vezes seguidas aos habitats de *Laelia purpurata* florida, ano após ano, e no banhado do Taim, antes de ser reserva biológica, com Walde-mar Pahl, coletando variedades de *C. intermedia*.

Com o passar do tempo, e o chamado progresso, muitas vezes ao voltar a um habitat, não encontrava mais nada: a mata fora transformada em lenha ou carvão, a terra (principalmente quando perto do mar) era agora um loteamento para casas de veraneio. Enormes plantações acabaram até mesmo com as matas ciliares de muitos rios. Não foram os mateiros e tiradores de orquídeas que extinguíram a cobertura vegetal nativa, foram o machado e o fogo, as pastagens, as plantações extensivas e sobretudo a especulação imobiliária.

Nascido em Osasco, Heitor Gloeden foi morar, menino ainda, em 1918 na pequena cidade de Poá, à qual se ligou por toda a sua vida. Lá ele foi, o que pouca gente sabe, escoteiro, delegado de polícia, vereador mais votado, presidente da Câmara, juiz de paz. Lá ele dirige, ainda hoje, octogenário, uma das melhores e mais bonitas exposições de orquídeas de São Paulo, a Expoá, orgulho da pequena estância hidromineral.

Mas é no vizinho distrito de Guaianases, interligado com Ferraz de Vasconcelos e Poá, na chamada Grande São Paulo, que Heitor tem sua chácara "Cuieté", nome tirado de uma árvore hospedeira de orquídeas, num lugarzinho difícil de achar mas freqüentado por orquidófilos de todo o Brasil, que jogam conversa fora sentados em bancos simples de madeira, tomam um cafezinho e vêem as plantas floridas, as



"jóias" sem igual do amigo Heitor.

O que não adianta procurar, lá no "Cuieté", são as centenas de medalhas e taças que ele ganhou no percurso de sua vida, em muitas exposições: ao sair da chácara, perto da avenida, um campinho de futebol acolhe a criançada do bairro, que disputa em acirradas "peladas" os últimos troféus. É o gosto alegre que se permite quem foi primo em segundo grau de Friedenreich (a quem Pelé foi comparado) e que em suas viagens sempre levava um par de chuteiras e, havendo jeito, lá ia correr atrás da bola, um meia-direita magrinho e esperto, bom de dribles, o orquidófilo Heitor Gloeden.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Pergunta: Estou com uma dúvida e gostaria de ver a resposta, se possível, na seção "Perguntas e Respostas".

Uma colega orquidófila fez-me a seguinte sugestão: As ferramentas (tesouras e facas) devem ser esterilizadas ou flambadas, toda vez que cortasse folhas, flores, raízes e rizomas, para não passar doenças (fungos) de uma planta doente, para outra planta.

Disse-me também que poderia deixar de molho por 24 horas as ferramentas numa solução de "Biocid".

Por achar muito trabalhoso esterilizar as ferramentas tantas vezes, procurei o tal do Biocid, e não o encontrei para adquiri-lo.

Os senhores poderiam me informar onde encontrar este "desinfetante" ou dar-me uma outra solução menos trabalhosa?

Aproveito também para cumprimentar o volume 6 da revista, principalmente pela matéria do sintoma de vírus nas flores.

Octávio Dal Rio Junior
Mococa, SP.

Resposta: A razão principal para esterilização dos instrumentos de corte não é a transmissão de fungos, mas de vírus, que como você leu na matéria sobre isso, é doença incurável. Além disso, há autores que afirmam que com a passagem da seiva, que fica no instrumento de corte, de uma planta para outra, pode ocorrer alteração de pigmentação de flores.

Não temos qualquer experiência com o produto que menciona, BIOCID. Não há melhor maneira de esterilizar do que pela flambagem. É mais rápido e mais eficaz. O inconveniente de ter que esterilizar várias vezes é facilmente superável ou adquirindo uma boa quantidade de facas ou tesouras, ou, o que sai mais barato, comprando um pequeno maçarico portátil que dá resultados excepcionais. Há um, nacional, de boa qualidade, da fábrica Yanes.

Há, ainda, alguns modos outros de es-

terilização com produtos químicos: a) água sanitária; b) iodo saturado (20g de iodo resublimado x 1 litro de álcool); c) água-raz; d) Germekill ou outros produtos para esterilização de instrumentos cirúrgicos. O inconveniente é que acabam estragando mais rapidamente os instrumentos de corte; além disso, devem as tesouras e facas permanecer imersos por, pelo menos, 30 minutos.

Existe, ainda, a possibilidade de usar essas facas, tipo Olfa, com lâminas descartáveis. Mas que só devem ser usadas uma vez, o que encarece demais.

Raimundo Mesquita

Pergunta: "1) Estou interessado em receber a Carta Mensal de janeiro para tomar conhecimento do regulamento do Concurso de Fotografias.

2) "Querida, se possível, informação onde posso conseguir o livro "O Cultivo de Orquídeas no Brasil" de Waldemar Silva.

Vander Augusto Siqueira
Araguari, MG.

Resposta: 1) Estamos lhe mandando cópia da Carta Mensal, mas aproveitamos para dizer, a você e outros interessados, que as normas são de extrema simplicidade: a) foto, em slide, a cores, ou preto e branco (nestes dois últimos casos acompanhadas dos negativos) exclusivamente de orquídeas; b) identificação da planta fotografada; c) detalhes técnicos: câmera e lente utilizados; se houve uso de flash ou luz solar; d) autorização de publicação pela Orquidário, caso aprovada a foto pela Comissão Julgadora.

2) Sobre o livro de Waldemar Silva, podemos dizer-lhe que há uma edição recente, da Ed. Nobel, de São Paulo, que é encontrada nas boas livrarias. Telefone para a Editora que, certamente, lhe orientarão.

Álvaro Pessoa

Pergunta: "Pela foto anexa gostaria de saber se é possível, identificar o *Oncidium* ali mostrado. Foi-me vendido como *Oncidium lionetianum*."

Manoel Rios
Porto Alegre, RS.

Resposta: Para lhe responder, ouvimos o nosso especialista em *Oncidium*s, Carlos Eduardo de Britto Pereira, que informa que a que lhe foi indicada é uma variedade da espécie *Oncidium crispum*, var. *lionetianum*. O seu, entretanto, não parece ser dessa variedade, que tem, como única característica diferencial, sépalas e pétalas rajadas e não compactamente marrons como o *Oncidium crispum*, parecendo (pelo menos pela foto enviada, que, como você reconhece, não é muito boa) ser deste a sua planta. Para ter certeza e se quiser, numa próxima floração, mande uma flor para que o Carlos Eduardo possa examiná-la e confirmar.

Editoria

Pergunta: "Recebi a primeira revista deste ano. Está ótima!"

Achei muito interessante o artigo sobre fotografias e me parece que a revista está aberta em valorizar, também, pranchas com pinturas, à aquarela, de orquídeas. Gostaria de mostrar-lhes o meu trabalho, pois faço artes na Universidade Federal de Goiás e estou me especializando em aquarela para ilustração e, acima de tudo, ilustração de orquídeas".

Julio Tadeu da Silva
Goiânia, GO.

Resposta: Você tem razão, Julio. A revista está aberta aos sócios, não apenas para desenhos, mas também fotos e artigos. A única exigência, óbvia, é qualidade.

Ao mesmo tempo em que lançamos o Concurso de Fotografias, lançamos, também, o de desenhos e pinturas, para que, em diverso do de fotografias que já tem muitos candidatos, recebemos só uma candidatura, que está exemplificada neste número. Para maior estímulo estamos publi-

cando, também, um texto de Cristina Miranda, excelente ilustradora botânica.

Mande seus trabalhos para que possam ser avaliados e, eventualmente, publicado, sendo-lhe devolvidos os originais, após fotografados.

Raimundo Mesquita

"Venho por meio desta, solicitar sua colaboração e alguns esclarecimentos sobre certas espécies.

Pergunta: No último exemplar da revista orquidário (JAN. FEV. MAR.), li o artigo sobre *Gongoras* e afins, gostaria de obter exemplares de espécies de *Coryanthes* por serem as minhas preferidas (além de *Gongoras*, *Cirrheas*, *Stanhopeas*, *Rudolfiellas* etc.). Como todo orquidófilo, comecei minha coleção adquirindo tudo que via e podia adquirir, porém decidi agora direcionar minha coleção (por vários motivos) para os seguintes gêneros: *Catasetum*, *Cycnoches*, *Gongora*, *Rudolfiella*, *Stanhopea* e principalmente minhas prediletas *Coryanthes*, peço então sua colaboração para encontrar locais ou pessoas que possuam *Coryanthes* para permutarem ou venderem; além das outras já mencionadas.

Peço também que me informem sobre o cultivo das *Coryanthes* (umidade, substrato, luminosidade, adubação, regas, procedência, etc.). Surgiu também uma matéria bem detalhada em nossa revista sobre esta interessante espécie."

Fernando Marques Coimbra
Rio de Janeiro, RJ

Resposta: Em relação à comercialização dessas espécies, sugiro que procure nos catálogos de orquidários especializados em espécies, alguns têm oferecido vários dos gêneros que lhe interessam.

O gênero *Coryanthes* compreende aproximadamente 15 espécies endêmicas na América Central e América do Sul. Cerca de 8 delas são nativas do Brasil, entre outras incluem-se *Coryanthes maculata* e *biflora*. A espécie mais conhecida é *Coryanthes macrantha* que produz flores grandes

de coloração amarela e alaranjada cobertas de manchas vermelhas. Estas plantas precisam de bastante umidade durante sua fase de crescimento, especialmente em volta das raízes. Quando completada esta fase, deve-se reduzir a rega. Elas não gostam de frio e a temperatura mínima nunca deverá ser inferior a 14 C. Não gostam de

muita luz e podem ser cultivadas em vasos com um substrato arejado, i.e. xaxim bem peneirado. Durante a época de crescimento, a adubação pode ser aplicada numa concentração bem fraca, de duas em duas semanas.

Roberto Agnes



R 2